

## DA “UNIDADE DE IDEIAS” NA SOCIOLOGIA DO LAZER\*

Jiri Zuzanek \*\*

**Resumo:** Já foi dito que os conceitos de lazer e trabalho têm significado sociológico apenas vis-à-vis uns aos outros. A noção de “unidade de ideias” (ou “ideias elementares”), de Robert Nisbet, referindo-se a preocupações históricas comuns, é usada neste artigo para examinar as mudanças nas avaliações do papel atribuído ao lazer e ao trabalho ao longo da história. Que papel foi atribuído ao lazer e ao trabalho no passado e é atribuído a eles hoje na formação da identidade humana, estimulando a mudança social, reforçando a integração social, elevando a igualdade social e contribuindo para o bem-estar? Duas outras questões controversas examinadas no artigo estão associadas aos efeitos alienantes da divisão do trabalho sobre o lazer e as visões conflitantes em relação à chegada da “sociedade do lazer”. O artigo tenta demonstrar que as relações entre trabalho e lazer não são “uni-lineares” e o limite de bem-estar não é *entre* trabalho e lazer, mas *dentro* deles.

**Palavras-chave:** Lazer; Trabalho; Integração Social; Bem-estar; Sociedade do Lazer.

## OF THE “UNITY OF IDEAS” IN THE SOCIOLOGY OF LEISURE

**Abstract:** It has been said that the concepts of leisure and labor have sociological meaning only vis-a-vis each other. Robert Nisbet’s notion of “unit ideas,” referring to common historical concerns, is used in this article to examine changing assessments of the role assigned to leisure and labor throughout history. What role has been attributed to leisure and labor in the past and is attributed to them today in forming human identity, stimulating social change, enforcing social integration, raising social equality, and contributing to well-being? Two other controversial issues examined in the article are associated with the alienating effects of the division of labor on leisure and the conflicting views with regard to the coming of the “society of leisure.” The article attempts to demonstrate that the relationships between labor and leisure are not “unilineal” and the well-being borderline runs not *between* labor and leisure, but *within* them.

**Key words:** Leisure; Labor; Social integration; Well-being; Leisure society.

## DE LAS “IDEAS ELEMENTARES” EN LA SOCIOLOGIA DEL OCIO

**Resumen:** Ya se ha dicho que los conceptos de ocio y trabajo sólo tienen un significado sociológico entre sí. La noción de "ideas elementares" de Robert Nisbet, que se refiere a preocupaciones históricas comunes, se utiliza en este artículo para examinar los cambios en las evaluaciones del papel atribuido al ocio y al trabajo a lo largo de la historia. ¿Qué papel se atribuyó al ocio y al trabajo en el pasado y se le atribuye hoy en día en la formación de la identidad humana, estimulando el cambio social, reforzando la integración social, elevando la igualdad social y contribuyendo al bienestar? Otras dos cuestiones controvertidas que se examinan en el artículo están asociadas a los efectos alienantes de la división del trabajo en el ocio y a las visiones conflictivas sobre la llegada de la "sociedad del ocio". El artículo intenta demostrar que las relaciones entre el trabajo y el ocio no son "unilineales" y que el límite del bienestar no está *entre* el trabajo y el ocio, sino *dentro* de ellos.

**Palabras clave:** Ócio; Trabajo; Integración Social; Bienestar; Sociedad del Ocio.



Licenciada por *Creative Commons*  
Atribuição Não Comercial / Sem  
Derivações / 4.0 / Internacional

\* Esta é uma versão ampliada e revisada pelo autor do texto originalmente publicado como: Zuzanek, J. (2018). Of the Unit Ideas in the Sociology of Leisure. *Revista Anais Brasileiros de Estudos Turísticos / ABET*, v.8, n.3, pp.8–25, Set./Dez. (Thematic Issue: Selected Papers From ISA Conference - Toronto, 2018). Texto traduzido, com a permissão do autor, por Valquíria Rezende e Thiago Duarte Pimentel. Revisão técnica: Thiago Duarte Pimentel.

\*\* PhD in Sociology (1970), Charles University, Prague, Czech Republic. Distinguished Professor Emeritus at the University of Waterloo, Canada. Formerly held appointments in the University of Lund, Sweden, Queens College in New York, and the University of Western Ontario, Canada. Was Research Director of the UNESCO European Centre for Leisure and Education, Prague. Subjects of interest: areas: leisure, labor, human identity, social change, social integration, stratification, division of labor, well-being, society of leisure. Address: University of Waterloo, 200 University Ave W, Waterloo, ON N2L 3G1, Canadá [ [zuzanek@uwaterloo.ca](mailto:zuzanek@uwaterloo.ca) ]

## 1. INTRODUÇÃO

Robert Nisbet, em sua obra *The Sociological Tradition* (1966:5), utilizou o conceito de ideias elementares<sup>1</sup> (ou, literalmente, unidade de ideias [*unit-ideas*], no inglês) na análise do pensamento sociológico europeu no seu grande período formativo, 1830-1900. As *unit-ideas* referem-se a preocupações sociais comuns que formam o núcleo da sociologia "no meio de todas as diferenças manifestas entre os seus autores". Como exemplos das *unit-ideas* na sociologia no século XIX, Nisbet listou a alienação, o papel da comunidade, o relacionamento entre o sagrado e o secular. Vários critérios têm de ser cumpridos, segundo Nisbet, para se qualificar como *unit-ideas*. Estas ideias devem ter generalidade, ser relevantes para o presente e para o passado, e ser discerníveis nas obras das mentes eminentes de uma época, bem como, devem ser específicas para a área de estudo em questão e combinar o discernimento com a observação. A noção de *unit-ideas* parece ser bem adequada para a análise de problemas sociais duradouros, tais como a relação entre trabalho e lazer.

Neste artigo, será feita uma tentativa de aplicar a noção de *unit-ideas* ao estudo histórico do lazer e do trabalho, os dois conceitos que, nas palavras de Bennett Berger, "só têm significado sociológico um em relação ao outro" (1963: 28). A análise das questões que dominam o estudo do lazer e do trabalho mostra que a discussão envolvendo estes fenômenos giraram historicamente em torno de vários problemas chave e controversos, como por exemplo: (1) o papel do lazer e do trabalho na formação da identidade humana; (2) o lazer e o trabalho como estímulos de mudança social; (3) o papel do lazer e da diversão como fontes de estabilidade social; (4) o impacto do lazer e do trabalho no aprofundamento ou atenuação das desigualdades sociais; (5) a divisão do trabalho e os seus efeitos alienantes sobre o lazer (transbordamento ou compensações?); (6) tendências futuras na atribuição do tempo de lazer (viveremos numa "sociedade de lazer" ou da "classe de lazer acossado"?), e (7) contribuição do lazer e do trabalho para o bem-estar subjetivo (BES – em diante) [*subjective well-being* (SWB)]. Embora a maioria destas questões caiba predominantemente no domínio da investigação sociológica, o interesse na relação entre o lazer e o

BES é partilhado pela psicologia sociológica e social.

As três primeiras *unit-ideas* (o lazer como fonte de identidade humana, estabilidade social, e estímulo à mudança) foram examinadas na literatura principalmente a partir de perspectivas históricas e antropológicas. As visões contraditórias sobre os efeitos alienantes do trabalho, as implicações de estratificação do lazer, a direção das tendências do lazer, e o bem-estar relacionado ao lazer foram objeto de discurso conceptual, bem como de exame empírico.

A minha motivação para examinar as relações entre trabalho e lazer da perspectiva das *unit-ideas* é dupla. Pretendo mostrar que estas relações são multifacetadas e mudam com as circunstâncias históricas. Vou me abster do papel de árbitro, enquanto discuto as controvérsias em torno das *unit-ideas* de lazer e deixarei a sua avaliação geral para a parte final do artigo, sugerindo que estas ideias refletem o "*l'esprit du temps*" (*Zeitgeist*), bem como, incluindo nela, o posicionamento ideológico de autores individuais.

Na parte final, abordarei também a minha segunda preocupação - a posição "partidária" ou "lobista" no que diz respeito ao lazer, frequentemente tomada pelos investigadores de lazer. O lazer, para mim, é um desafio formidável, mas não necessariamente uma cura universal. A linha divisória dos prós e dos contras não se situa entre o lazer e o trabalho, mas dentro deles. Isto é o que este artigo tentará demonstrar.

## 2. LAZER OU TRABALHO COMO PILARES DA HUMANIDADE? *VITA ACTIVA VERSUS VITA CONTEMPLATIVA*

A questão de saber se a essência da vida humana reside no trabalho ou no lazer estava na mente de filósofos e pensadores sociais desde a época da Antiguidade. Sebastian de Grazia, na sua publicação seminal *Of Time, Work, and Leisure* (1962), salientou que na Grécia e na Roma Antigas, o lazer não era visto como derivado do trabalho, mas, ao contrário, o trabalho era definido como não-lazer (*a-scholia* em grego; *neg-otium* em latim). Segundo

<sup>1</sup> O termo *unit-ideas* tem sido traduzido frequentemente por idéias unitárias ou idéias elementares, ou ainda idéias básicas (em português), ideas elementares ou ideas-elementos (em espanhol), *idées unitaires* ou *idées élémentaires* (em francês), tomando-se em

conta que se referem às ideias fundamentais da análise sociológica, em diferentes tradições, ao longo do século XX. Neste texto, utiliza-se o termo original, em inglês.

Huizinga (1938), para Aristóteles, o lazer, mais do que o trabalho, era o fundamento da humanidade.

Para Aristóteles, os lavradores, artesãos e operários eram indispensáveis para o funcionamento normal do Estado, mas a sua contribuição para o mesmo não era atribuída ao reconhecimento social ou respeito. Era menosprezada. É impossível, segundo Aristóteles, praticar a excelência para um homem "que vive a vida de um mecânico ou operário" (2009:69).

Uma posição semelhante em relação ao trabalho foi tomada por Platão, que insistiu que os bons homens (guardiães) não deveriam imitar ferreiros, remadores, contramestres e afins. O trabalho não fazia parte da identidade social dos guardiães. Estava posicionado fora das fronteiras da vida respeitável, relegado aos escravos ou ao grupo de cidadãos, cujo trabalho manual e posição social se traduz hoje em dia um pouco estranhamente como "mecânica".

No entanto, a Grécia Antiga também conhecia outras atitudes em relação ao trabalho. Os filósofos, e possivelmente o público em geral, não eram unânimes. *Os Trabalhos e Dias* [*Works and Days*] de Hesíodo, escritos por volta de 700 a.C., foram uma apologia ao trabalho. Para Hesíodo (1988:46), os homens ociosos assemelhavam-se a zangões numa colmeia. "Trabalha, para que a fome te odeie e Demeter [(deusa da agricultura e da alimentação - JZ)] te ame". Deuses e homens não gostam do não operário.... O trabalho não é uma vergonha; o ócio é uma vergonha". A posição de Hesíodo refletia orientações de valor do período 'arcaico' da história grega, mas também é possível encontrar fortes atitudes 'a favor do trabalho' na época de Platão.

Xenófote descreveu um encontro entre Sócrates e Aristarco, que ocorreu durante a guerra do Peloponeso. Aristarco, que fugiu do Pireus sitiado, diz a Sócrates que perdeu a sua terra, a sua casa e não sabe como sustentar a sua família. Ao ouvir isto, Sócrates pergunta a Aristarco se ele está ciente de que Ceramon foi capaz de abastecer a si próprio e aos seus familiares com provisões, e Cyrebus, ao fazer pão, manteve toda a sua casa e viveu luxuosamente, e a maioria dos Megarianos sustentava-se fabricando vestes. Certamente que o fizeram, Aristarco respondeu: pois compraram escravos bárbaros e forçaram-nos a fazer o que queriam "mas eu tenho nas mãos parentes e pessoas nascidas em liberdade".

A isto, Sócrates respondeu: "Então, achas que, porque são livres e os teus parentes, não deveriam fazer outra coisa senão comer e dormir?" (Xenofonte, 1994: 63) Esta visão do trabalho, difere claramente da de Aristóteles ou de Platão<sup>2</sup>.

Opiniões contraditórias sobre o papel histórico do trabalho e do lazer foram carregadas para a Idade Média. Ao examinar a relação entre *vita activa* e *vita contemplativa*, Tomás de Aquino sugeriu na *Summa Theologiae* (1265-1274) que a vida ativa precede a vida contemplativa no tempo, mas a vida contemplativa substituiu-a no mérito (ver II-II, Q. 182, Art. 2).

As atitudes perante o trabalho e o lazer continuaram a fazer parte do discurso intelectual e do confronto ideológico durante o Renascimento, a Reforma e o Iluminismo. Dois grandes personagens da Renascença italiana, Lorenzo o Magnífico e Leon Battista Alberti, num diálogo fictício, discutiram os méritos comparativos da vida ativa e contemplativa e concordaram que uma complementava a outra, com a última guiando a primeira (ver de Grazia, 1962).

Weber, em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905), mostrou que o protestantismo contribuiu para uma mudança profunda nas atitudes em relação ao trabalho. A maioria das religiões do passado colocou os valores finais da vida fora deste mundo. A contemplação e o quietismo religioso eram as fontes últimas de salvação. A vida neste mundo foi um passo transitório no "vale das lágrimas". A abstenção do comércio e dos negócios era acompanhada por um desprezo aristocrático pelo trabalho. Tais atitudes não podiam fornecer uma base sobre a qual uma nova civilização industrial pudesse ser construída. Era necessário atribuir um valor positivo ao trabalho e às atividades produtivas, para as legitimar na mente das pessoas. Foi isto que o Protestantismo fez. Tornou o trabalho e o esforço produtivo mais honroso do que vergonhoso. Criou um clima favorável à revolução industrial e trouxe vida ao capitalismo.

Para Immanuel Kant, Denis Diderot, Adam Smith e outros representantes do Iluminismo, o trabalho e o esforço eram parte integrante do progresso e da razão. O verdadeiro conhecimento não podia ser adquirido sem esforço. O caminho para o juízo moral e bem-estar era trabalho.

<sup>2</sup> Curiosamente, um dos argumentos apresentados durante o julgamento contra Sócrates foi sua aprovação do elogio ao trabalho

de Hesíodo; até mesmo do trabalho que foi injusto ou vergonhoso (ver Xenofonte, 2014).

O século XIX foi assolado por diatribes do trabalho, como a obra de Thomas Carlyle: "*a dúvida, seja de que tipo for, pode ser terminada apenas pela Ação sozinha ou Um monstro que existe no mundo: o homem ocioso* (1843: 198-203)<sup>3</sup>. Friedrich Engels não estava menos entusiasmado com o trabalho. Na Dialética da Natureza (1883:85-87), ele escreveu:

"O trabalho é a fonte de toda a riqueza, ... mas é também infinitamente mais do que isso. É a condição básica primária de toda a existência humana, a tal ponto que temos de dizer que o próprio trabalho criou o homem... Centenas de milhares de anos decorreram antes da sociedade humana surgir de um bando de macacos trepadores de árvores. No entanto, isto acabou por acontecer. E qual é a diferença característica que encontramos entre o bando de macacos e a sociedade humana? Trabalho!" (2010:456).

A apoteose do trabalho também encontrou os seus críticos. O amigo mais próximo de Engels, Karl Marx, nos seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* de 1844, no *Grundrisse* (1857), e na sua magnum opus *Das Kapital* (1863-83) elogia o lazer como o reino supremo da liberdade. A passagem frequentemente citada do Volume III de *Das Kapital* lê-se: "O reino da liberdade começa apenas onde o trabalho, que é determinado pela necessidade e considerações mundanas, cessa; assim, na própria natureza das coisas, a liberdade está para além da esfera da produção material real" (2010: 593).

Mesmo sob o socialismo, quando o trabalho será escolhido livremente, ele será, no entanto, guiado pela necessidade. O elogio de Marx ao tempo "livre de necessidade" foi levado a uma conclusão "absurdamente lógica" pelo seu genro, Paul Lafargue, no panfleto provocador *The Right to be Lazy* (1883).

O fim do século XIX testemunhou crescentes sinais de descontentamento com a ética do trabalho. Friedrich Nietzsche, em *A Gaia Ciência* (1882) escreveu:

"A pressa ofegante com que [os americanos] trabalham ... já começa a infectar a velha Europa com a sua ferocidade e a espalhar uma falta de espiritualidade como um cobertor. Agora envergonha-se de descansar. [...] pensa-se com um relógio na mão. ... Cada vez mais, o trabalho alista toda a boa consciência do seu

lado; o desejo de alegria começa a envergonhar-se de si próprio. ... Em breve poderemos chegar ao ponto em que as pessoas já não poderão mais ceder ao desejo de uma *vita contemplativa* sem auto-desprezo e má consciência" (2008: 183).

A reavaliação das orientações de valores básicos nas portas da recém emergente "sociedade de massas" afetou não só a avaliação do trabalho, mas também do lazer. *A Rebelião das Massas* (1930), de Ortega y Gasset, foi uma crítica mordaz à cultura de massas e aos estilos de vida das massas que se recusavam a ajudar ou a servir os outros e se preocupavam apenas com os seus caprichos, vestimentas e prazeres.

Pitirim Sorokin, em *The Social and Cultural Dynamics* (1937-1941), criticou a mentalidade sensacionalista que dominava o lazer e a cultura modernos, onde os meios de comunicação social estimulam uma sede insaciável de prazeres sensuais e nenhuma linha de fronteira distingue o verdadeiro do falso, ou o "certo" do "errado".

A importância da contemplação, num mundo obcecado pelo trabalho, foi articulada com mais força nos anos 50 por Joseph Pieper no panfleto *Leisure. The Basis of Culture* (1952). Pieper procurou inspiração nos escritos de Tomás de Aquino. Lazer, para ele, era, essencialmente, uma "ausência interior de preocupação, calma, e uma capacidade de deixar as coisas ir, de estar quieto" (1952: 24). Pieper reconheceu a necessidade de trabalho e descanso, mas colocou a questão: "Pode o mundo do homem ser esgotado por ser apenas o mundo do trabalho? Pode um ser humano contentar-se em ser apenas funcional? Pode a existência humana realizar-se por ser exclusivamente uma existência de trabalho rotineiro?" (1952:42).

A crítica da ética protestante do trabalho e o elogio do lazer intrinsecamente motivado tornou-se um tema comum na segunda metade do século XX na maioria dos livros escolares de lazer (Kraus, 1971; Neulinger, 1974; Iso-Ahola, 1980; Murphy, 1980). A afirmação de Aristóteles de que "*Trabalhamos para estar à vontade*", tornou-se a bandeira dos investigadores do lazer e foi repetidamente citada. Ao nível de pesquisa, o papel do lazer e do trabalho tornou-se parte dos estudos empíricos das relações

<sup>3</sup> No original "*Doubt, of whatever kind, can be ended by Action alone or One monster there is in the world: the idle man*" (1843: 198-203).

entre trabalho e lazer e as suas implicações para o bem-estar - uma questão que será discutida em maior detalhe na seção final deste artigo.

### 3. LAZER E DIVERSÃO COMO ESTÍMULOS DE MUDAÇAS SOCIAIS

Durante muitos anos a convicção cresceu sobre mim, escreveu Huizinga, de que a civilização surge e desdobra-se em e como brincadeira... Uma idade mais feliz do que a nossa chamou a nossa espécie pelo nome de *Homo Sapiens*. Ao longo do tempo apercebemo-nos de que não somos tão razoáveis como os filósofos do século XVIII pensavam; por isso, tornou-se moda designar a nossa espécie como *Homo Faber*: Homem, o Produtor [...] Há uma terceira função, no entanto... tão importante como raciocinar e fazer, nomeada, divertir-se. Parece-me que ao lado do *Homo Faber*, e talvez ao mesmo nível do *Homo Sapiens*, *Homo Ludens* – o Homem, o Brincalhão, merece um lugar na nossa nomenclatura" (Huizinga, 1955: i).

*Homo Ludens* é um livro sobre diversão e lazer. No seu início, Huizinga (1955: 8) escreveu: "A diversão pode ser adiada ou suspensa a qualquer momento. Nunca é imposta por necessidade física ou dever moral. Nunca é uma tarefa. É feita no lazer, durante o "tempo livre".

Uma questão frequentemente abordada na literatura sobre diversão é a sua anterioridade na evolução da Humanidade. O que, historicamente, veio primeiro - a diversão ou o trabalho? Platão foi um dos primeiros a chamar a atenção para esta questão. No seu último diálogo, as Leis, ele escreveu que se um rapaz deve ser um bom agricultor ou um bom construtor, ele deve brincar construindo casas de brinquedos ou de agricultura. "Deve-se ver os jogos como um meio de orientar os gostos e as inclinações das crianças para o papel que elas irão desempenhar como adultos" (*Leis*, Livro 1).

Herbert Spencer (1820-1903) e Wilhelm Wundt (1832-1920) argumentaram que as funções utilitárias precediam a diversão. Wundt na *Ética* (1886) afirmou que não existe "um único tipo de diversão que não imite de uma forma ou de outra algum esforço sério, que a preceda em tempo" (Wundt, 1886: 145).

Uma posição diferente foi articulada por Karl Bücher (1847-1930) no seu livro *Die Entfthung der Volkswirtschaft* (*A Gênese da Economia*):

"O desenvolvimento da indústria manufatureira começa com a ornamentação do corpo, tatuagem, piercing ou deformação de várias partes do corpo... As competências técnicas são adquiridas no decurso da brincadeira e são gradualmente postas em prática. A até agora aceita sucessão de estágios da brincadeira e do trabalho deve ser invertida: brincar é mais antigo que trabalhar, e a arte é mais antiga do que a produção de coisas úteis" (1893: 75).

Uma posição semelhante foi tomada por Karl Groos (1861-1946) em *Die Spiele der Tiere* (*O Jogo dos Animais*, 1896). Segundo Groos, o jogo prepara jovens animais e crianças para a sua vida futura e, por conseguinte, precede-os. "O brincar não é filho do trabalho, mas pelo contrário, o trabalho é o filho do brincar" (1896:125).

O debate sobre "o que vem primeiro" - trabalho ou brincadeira - foi acrescentado ao final do século XIX por Georgy Plekhanov (1856-1918), um importante teórico marxista e fundador do partido social-democrata da Rússia. Em *Unaddressed Letters* (1899), Plekhanov elabora um estudo sobre o papel social das artes, que é, na sua essência, uma polémica com Karl Bücher e Karl Groos. Plekhanov concordou que, a nível individual, a brincadeira pode preceder as atividades práticas, mas do ponto de vista da sociedade, as atividades utilitárias pavimentam o caminho para a brincadeira. O conflito militar cria a necessidade de soldados qualificados; a brincadeira só vem depois - para servir esta necessidade. "O trabalho é mais velho do que a brincadeira, assim como os pais são mais velhos do que os filhos e a sociedade é mais velha do que os seus membros individuais" (1958: 62).

Huizinga, ao que parece, está do lado dos autores que defendiam o papel primordial do jogo. *Homo Ludens* começa com as palavras: "Brincar é mais antigo do que a cultura, pois a cultura pressupõe sempre a sociedade humana, e os animais não esperaram que o homem lhes ensinasse a brincar" (1955:1). É um equívoco vergonhoso, acrescenta Huizinga, insistir, como fazem os marxistas, "que as forças econômicas e os interesses materiais determinam o curso do mundo" (1955: 192). A questão da "primogenitura" do trabalho ou do lazer não estava, contudo, no centro dos interesses de Huizinga. Afinal, a questão de saber se o trabalho precede a brincadeira ou o contrário é verdadeira, é insolúvel como a questão sobre quem veio primeiro: a galinha ou o ovo?

Ao contrário de Plekhanov, para quem a história sempre encontra a pessoa certa para fazer o que precisava de ser feito, Huizinga pensava que o homem pode incitar mudança. Para ele - apesar da repetida insistência de que o jogo não é bom, nem ético, nem verdadeiro - o jogo significou um fator positivo na evolução humana. A brincadeira, e indiretamente o lazer, foram, para Huizinga, estímulos sem os quais as necessidades humanas nunca poderiam materializar-se.

O espírito de competição lúdica seria, segundo Huizinga, um impulso social que perpassa toda a vida como o seu "fermento". O fator lúdico está na raiz da maioria das formas fundamentais de vida social. Direito, comércio e lucro, artesanato e arte, poesia, sabedoria e ciência, estão todos, segundo Huizinga (1955:5), enraizados "no solo primitivo do jogo".

A afinidade entre o jogo e o direito é, segundo Huizinga, óbvia, uma vez que nos damos conta do quanto a prática do direito se assemelha a uma disputa lúdica. Até ao século XVII, os negócios em seguros de vida eram chamados de "apostas". Teatros e clubes sociais serviram de campo de ensaio para o surgimento de partidos parlamentares. Muitas descobertas da ciência nasceram de atividades lúdicas<sup>4</sup>.

A contribuição das brincadeiras e do lazer para o progresso das ciências e tecnologias foi reconhecida por Hannah Arendt. "É uma questão de registo histórico", escreveu ela em *A Condição Humana* (1958: 298):

"que a tecnologia moderna tem as suas origens não na evolução dessas ferramentas que o homem sempre concebeu com o duplo objetivo de facilitar o seu trabalho e erguer o artifício humano, mas exclusivamente numa busca totalmente não prática de conhecimentos inúteis [...] Se tivéssemos de confiar nos chamados instintos práticos do homem, nunca teria havido uma tecnologia de que falar".

Norbert Elias e Eric Dunning, em *Em Busca de Excitação. Esporte e Lazer no Processo Civilizatório* (1993), destacaram o papel positivo do esporte e da brincadeira, como parte do processo civilizatório, na Inglaterra. No entanto, o papel problemático da brincadeira e do esporte também foi posto em causa. O esporte sério, escreveu George Orwell (1968: 42),

"não tem nada a ver com jogo justo. Está ligado ao ódio, ao ciúme, à arrogância, ao desrespeito de todas as regras e ao prazer sádico de testemunhar a violência".

Huizinga, apesar de seus elogios ao jogo, reconheceu que este pode ser facilmente corrompido e servir interesses de preconceito obscuro em vez de progresso social e liberdade. O próprio destino de Huizinga - ele foi preso durante a ocupação nazista nos Países Baixos na Segunda Guerra Mundial - confirma o seu receio de que o jogo possa ser transformado na sua caricatura brutal - as marchas de desfiles militares da juventude doutrinada, procissões com tochas, e desfiles militares.

#### 4. LAZER, TRABALHO E ESTABILIDADE SOCIAL

Um dos aspectos mais controversos da relação entre lazer e trabalho é o seu papel como fontes de ordem social e de estabilidade social. No início da história humana, a ordem social e a solidariedade eram geralmente sustentadas por brincadeiras e rituais. Festas coletivas e rituais serviram como poderosos instrumentos de coesão social (Durkheim, 1912; Malinowski, 1922). Radcliffe-Brown (1922: 252) pontuou que

"na dança, o indivíduo submete-se à ação da comunidade sobre ele; é constrangido pelo efeito imediato do ritmo, bem como pelo costume e é obrigado a conformar-se nas suas próprias ações e movimentos às necessidades da atividade comum.

Segundo Hunnicutt (2006: 65), o lazer e a diversão, em vez do trabalho ou da guerra, serviram como "a cola que mantinha as sociedades unidas no mundo antigo". O lazer, como uma "expressão de liberdade geradora de cultura", proporcionou aos gregos "uma arena onde as culturas eram performadas, onde os seres humanos podiam envolver-se em público, criando belas artes, praticando esportes, fazendo música, fazendo política, tendo conversas, e realizando atividades livres que constituíam o próprio osso e o tendão de suas culturas" (Hunnicutt, 2006: 59).

No entanto, ao contrário desta afirmação, como tentaremos mostrar, o lazer serviu muitas vezes na

<sup>4</sup> A correspondência de Pascal e Fermat sobre dados deu origem à teoria da probabilidade (ver Apostol, 1969). O amigo íntimo de Platão, o inventor e filósofo Archytas de Tarentum, construiu, de acordo com

a lenda, um pombo de brinquedo movido a vapor que realmente voou (ver D'Angour, 2013).

história grega como uma força socialmente desestabilizadora. A riqueza de Atenas, segundo Aristóteles, tornou possível subsidiar os cidadãos, aliviá-los da labuta do trabalho e dar-lhes tempo para participarem em assuntos cívicos. Esta participação, no entanto, transformou-se frequentemente em conflito rebelde. Uma das declarações da Política de Aristóteles que parece receber um pouco de atenção lê-se: "o gozo da boa sorte e o lazer, que vem com a paz, tende a tornar os homens insolentes" (2009: 189).

O trabalho, que não era tido por Aristóteles com grande estima, ajudou, segundo ele, a estabilizar a vida nas antigas polis gregas. Dos diferentes tipos de democracia, Aristóteles (2009:156-157) escreveu,

"o melhor é o mais antigo; pois o melhor material da democracia é uma população agrícola; não há dificuldade em formar uma democracia em que as pessoas vivam pela agricultura ou pelo cuidado do gado. Sendo pobres, não têm lazer, e por isso não frequentam à assembleia com frequência, e não tendo as necessidades da vida estão sempre trabalhando, e não cobiçam os bens dos outros. De fato, acham os seus empregos mais agradáveis do que os cuidados do governo ou do escritório."

A complexa relação entre trabalho, lazer e estabilidade social na Grécia Antiga reflete-se no conflito histórico das duas *polis* mais poderosas da Grécia - Atenas e Esparta. Este conflito era, entre outros, um conflito entre dois conceitos de lazer.

Segundo o relato de Plutarco sobre a vida de Licurgo (*Plutarch's Lives*, 1914), os espartanos estavam imersos em danças corais, festivais, festas, expedições de caça, exercício físico e conversação, mas estas atividades não eram escolhidas livremente. O papel do atletismo em Esparta estendeu-se, segundo Christensen (2012: 239), para muito além da socialização e incluiu uma adesão disciplinada às normas sociais. "Os espartanos eram sujeitos desde tenra idade a uma coerção contínua e poderosa, tanto escancarada como encoberta".

A relação litigiosa entre lazer, trabalho, e ordem social reflete-se na visão de Platão sobre o futuro. Na utópica cidade de Magnésia, descrita no seu último

diálogo, as Leis, os cidadãos, que eram proibidos de atividades industriais e comerciais, gozavam de acesso universal ao lazer. Nenhuma outra atividade era autorizada a interferir em seu lazer (ver Samaras, 2012: 3).

Como é que, então, uma cidade, abundante em lazer, mantém a ordem social? É aqui que Platão se vira para a diversão. Divertir-se, para ele, serve os interesses da ordem social e da estabilidade se as crianças, desde a sua mais tenra idade, imitam atividades virtuosas,<sup>5</sup> mas estas atividades devem ser rigorosamente reguladas. Esperava-se que as crianças jogassem os mesmos jogos, com as mesmas regras, com os mesmos brinquedos. Os seus jogos não deveriam ser mudados, nem novos deveriam ser inventados. Só assim a sociedade poderia permanecer estável. Promover novidades, utilizar diferentes formas, cores, ou o que quer que seja, traria, segundo Platão, um potencial desastre. Por outras palavras, o jogo só servia interesses de coesão social quando se transformava no seu oposto direto e se tornava "não livre"<sup>6</sup>.

Uma imagem um pouco semelhante do lazer emerge de outra famosa visão de futuro - a *Utopia* de Thomas More (1516). More é geralmente apresentado como precursor das coisas futuras - um visionário precoce de uma sociedade que irá reduzir a carga de trabalho e abrir as suas portas ao lazer (Parker, 1971; Rademakers, 2003). Na *Utopia*, os cidadãos trabalhavam seis horas por dia e tinham um acesso generoso ao tempo livre, mas, à semelhança da situação na *Magnésia* de Platão, o seu lazer era altamente regulado.

A ênfase na utilização "adequada" do lazer resultou numa uniformidade puritana dos estilos de vida e das atividades de lazer dos Utopianos. Em cada uma das ruas de Utopia havia grandes salões que se encontravam a igual distância uns dos outros. Os Utopianos usavam roupas da mesma cor. De dois em dois anos saíam de suas residências e mudavam-se das aldeias para as cidades ou vice-versa. Uma trombeta chamava-os para o jantar e a ceia, onde se encontravam e comiam juntos.

Durante a maior parte da Idade Média, a função

<sup>5</sup> O jogo em Magnésia não se limitava apenas à infância. Esperava-se que seus cidadãos cantassem e dançassem em coros durante a maior parte de suas vidas (Leis).

<sup>6</sup> A atitude rigorosa de Platão em relação ao jogo foi estendida às artes. Ele estava disposto a bani-la das crianças até mesmo seu

querido autor Homero. "Devemos permanecer firmes em nossa convicção de que os hinos aos deuses e louvores aos homens famosos são a única poesia que deveria ser admitida em nosso Estado" (2008: 423).

da integração social esteve sobretudo nas mãos da religião e do poder político. A transição histórica do sistema feudal para a nova ordem capitalista transferiu a função de servidão social da religião para o trabalho. A reforma, argumentou Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1958: 36), não eliminou o controle da Igreja sobre a vida cotidiana, mas substituiu as formas anteriores de controle por novas. Repudiou o controle que era muito frouxo... em favor de regulamentos que penetravam "todos os departamentos da vida pública e privada e eram seriamente forçados." O lazer do passado foi subitamente destruído. "O estado ocioso entrou em colapso sob a pressão de uma amarga luta competitiva... A velha atitude de lazer e conforto em relação à vida deu lugar a uma dura frugalidade" (Weber, 1958: 68). Talvez, ao contrário das intenções originais dos seus fundadores, a ética protestante do trabalho tenha passado de uma vocação voluntariamente aceita para uma ordem social imposta.

O interesse pelo lazer, como fonte potencial de integração social, foi reavivado no século XX. Quando o trabalho perdeu o seu poder de comandar identidades morais e lealdades dos homens, escreveu Bennett Berger (1963), a sociedade perdeu uma importante fonte de integração normativa. A retirada da motivação do trabalho forçou "a rede de laços que relacionam o mundo do trabalho com o mundo do não-trabalho, e o indivíduo com ambos" (1963:36). Em tal situação, pode-se esperar, segundo Bennett, a transferência de funções anteriormente desempenhadas pelas instituições de trabalho para as "instituições de lazer" (1963:36).

Num interessante artigo "*Work and leisure: The implications of technological change*", Peter Kelvin (1981) sugeriu que o previsto "declínio do trabalho" levou a uma discussão sobre o que poderia tomar o seu lugar. "E como tendemos a pensar em dicotomias, tem havido uma marcada tendência para olhar o lazer - o oposto do trabalho - como a sua alternativa". Kelvin tinha, no entanto, "sérias dúvidas" sobre este cenário. O potencial declínio do trabalho, escreveu ele, criará problemas difíceis ao nível da necessidade humana "universal" de perceber a vida como razoavelmente estável.

"O trabalho fornece estrutura porque especifica o tempo, o lugar e a natureza, não só do que se faz e quando, mas também com quem... As pessoas tornam-se interdependentes no e

através do seu trabalho, mesmo que não gostem particularmente umas das outras. O lazer, na sua natureza essencial, carece precisamente deste vínculo, baseado num sentido de necessidade" (Kelvin, 1981: 12-13).

Thelma McCormack (1971) expressou uma preocupação semelhante, mas, ao contrário de Kelvin, atribuiu-lhe uma valorização positiva. Para ela, o lazer moderno, como conceito político, precisa ser distinguido da recreação. A recreação é um sistema de controle social. Como todos os sistemas de controle social, é em certa medida manipulador, coercivo e doutrinador. O lazer, pelo contrário, deve permanecer o domínio da não-conformidade, da privacidade e da dissidência.

A questão sobre o papel do lazer como escravidão social parece permanecer tão em aberto hoje como num passado distante. Tal como o deus romano Jano, que presidiu a unidade e a discórdia, a guerra e a paz - o papel do lazer no que diz respeito à ordem social é de dupla faceta.

## 5. TRABALHO, LAZER E IGUALDADE SOCIAL

A questão de saber se o acesso ao lazer aprofunda ou diminui as desigualdades sociais produziu, à semelhança de outras *unity-ideas* relacionadas com o lazer, respostas conflituosas. O fácil acesso ao lazer entre a juventude privilegiada de Atenas, acentuou, segundo Platão, as divisões sociais, enquanto em Esparta, que na opinião dos atenienses não tinha verdadeiro lazer, não havia distinção entre ricos e pobres. Segundo Aristóteles, "Todos têm a mesma comida em suas mesas públicas, e os ricos usam apenas roupas que qualquer homem pobre pode pagar" (Aristóteles, 2009: 105).

A relação entre o lazer e a desigualdade social voltou a entrar no discurso intelectual com o advento do industrialismo e a transferência de poder para os governos constitucionais. A aristocracia perdeu alguns dos seus privilégios de lazer. Isto, contudo, não eliminou as divisões de classe no que diz respeito ao lazer - pelo menos não na Europa. Em *A Riqueza das Nações* (1776), Adam Smith distinguiu entre os hábitos de lazer das pessoas comuns ou em "baixa condição" e as classes altas.

As pessoas de condição baixa tinham pouco tempo a perder. Assim que estavam ajustados, tinham de trabalhar "para ganhar a sua subsistência";



os seus ofícios eram normalmente simples e uniformes, deixando "pouco lazer e menos inclinação para pensar em qualquer outra coisa" (Smith, 2007: 605). A situação da classificação e da classe afortunada era diferente. Os membros desta classe raramente eram "perturbados de manhã à noite". Os seus empregos não eram nem tão simples nem tão uniformes como os do povo comum. Eles

"exercitaram a cabeça em vez das mãos" e, geralmente, tiveram "uma boa dose de lazer, durante o qual puderam se aperfeiçoar em todos os ramos, quer de conhecimentos úteis ou ornamentais, para os quais podem ter adquirido algum gosto na fase inicial da vida" (2007: 604).

A situação nos Estados Unidos era diferente. Observações interessantes sobre a relação entre classe, riqueza, estilos de vida e lazer no Novo Mundo foram feitas por Alexis de Tocqueville na *Democracia na América* (1835 e 1840). A desigualdade na América evoluiu, segundo Tocqueville, de acordo com linhas diferentes daquelas da Europa. "Como os Estados Unidos foram colonizados por homens de igual nível entre si, não existe ainda uma fonte natural ou permanente de divergência entre os interesses dos seus diferentes habitantes" (1972:300). Representantes de diferentes grupos sociais e profissões "comunicam e misturam-se todos os dias, imitam e emulam uns aos outros" (1945: 40).

Nas sociedades aristocráticas, a desigualdade social era acompanhada de diferenças demonstráveis na honra e no gosto. Nas sociedades democráticas, as distinções econômicas, de acordo com Tocqueville, não necessariamente portavam gostos pronunciados e atributos intelectuais. Os membros mais opulentos da sociedade americana não apresentavam gostos que fossem substancialmente diferentes do resto da população.

Embora as diferenças de estilo de vida se tenham atenuado, sob a superfície desta afinidade, permaneceu ainda amplo espaço para tensões sociais. "Quando tudo está quase no mesmo nível, os mais sutis privilégios tornam-se importantes e as mais sutis desigualdades ferem" (Tocqueville, 1945:147). De acordo com Tocqueville, as mudanças sociais na América do Norte suavizaram a camada de desigualdade, mas não alteraram a sua substância. As diferenças de prestígio e honra foram reduzidas, mas as desigualdades de riqueza alargaram-se. A

sociedade americana tornou-se "estilos de vida iguais", mas "riquezas à parte".

A posição de Tocqueville foi posta em questão no final do século XIX por Thorstein Veblen em *Theory of the Leisure Class* (1899). Desde os tempos dos filósofos gregos, Veblen escreveu, até aos dias de hoje, o grau de lazer e isenção do trabalho têm sido reconhecidos como um pré-requisito para uma vida humana digna, bela e sem culpa. "O trabalho manual era a ocupação exclusiva das classes inferiores. As classes superiores estavam, pelo contrário, isentas de emprego industrial" (1953: 21).

Veblen era nostálgico acerca das fases iniciais da história americana, quando o status estava associado ao trabalho e não ao lazer, e o lazer estava subordinado às necessidades da vida comunitária. Esta situação não durou muito tempo. Trabalho e lazer eventualmente se separaram. A nova burguesia desenvolveu atitudes semelhantes em relação ao trabalho como os seus predecessores aristocráticos. Segundo Veblen, os puritanos tentaram escapar à "ociosidade aristocrática parasitária", mas ao promoverem o "direito natural" da propriedade privada, criaram, paradoxalmente, uma nova "classe de lazer". A especulação, a ausência de propriedade, o consumo conspicuo e o desperdício de lazer traíram os valores primordiais americanos. O lazer tornou-se, segundo Veblen, auto-serviço, sem sentido e desprezivelmente injusto.

A avaliação dura que Veblen faz da divisão de classes da América não tem sido partilhada pela maioria dos comentadores. "A teoria de Veblen sobre a classe ociosa", escreveu Wippler, "já não é válida para as sociedades ocidentais modernas, porque o tempo de lazer deixou de ser um privilégio da classe alta, mas está agora também à disposição das classes mais baixas e da classe média" (1970: 64).

O lazer foi anunciado como o "grande equalizador". Os sociólogos falaram de "ocupações típicas de tempos livres de pessoas de todas as classes" (Dahrendorf, 1959: 69). Todas as classes, escreveu Nels Anderson, "assistem aos mesmos jogos de bola, às mesmas lutas de prêmios, às mesmas discotecas, até mesmo à mesma ópera". Todos ouvem a rádio e vêem os mesmos programas de televisão" (1961: 34). Kenneth Roberts (1970: 32) resumiu esta posição: "As variações que ocorrem entre os interesses de lazer de diferentes grupos profissionais tornam-se insignificantes quando

confrontadas com as extensas semelhanças nas atividades de lazer das pessoas em todos os setores da sociedade".

Acreditava-se que as velhas barreiras do patrimônio, da classe e dos desníveis sociais desapareceriam no caldeirão do consumo em massa, da recreação em massa, e do entretenimento. Viagens baratas, mídias de massas, e abundância comum, argumentou-se, trouxeram várias formas de lazer dentro do alcance psicológico e econômico de todos. Em vez de classe, o estilo de vida, presumivelmente não influenciado pelos antecedentes familiares, tornara-se o fator chave na formação de interesses e modos de lazer. "Parece", escreveu H. Schelsky, como se "a posição do consumidor, em vez de status de classe", se tornasse o determinante central da vida cotidiana (citado em G. Lüschen, 1963: 259).

David Riesman em *The Lonely Crowd* (1950: 145) sugeriu que por baixo das antigas rubricas uma estrutura amorfa está surgindo, na qual "as hierarquias do topo competem pelo reconhecimento com as hierarquias tradicionais baseadas na riqueza e posição ocupacional". De uma forma um pouco diferente, preocupações análogas foram expressas por Daniel Bell (1973), que argumentou que as divisões sociais nas sociedades tecnologicamente avançadas não podem ser completamente exploradas através das linhas tradicionais de hierarquia e domínio de classe.

Para Pierre Bourdieu (1984), as distinções de classe, como parte do *habitus* cultural, tornaram-se principalmente uma questão de gosto. Nesta perspectiva, as classificações de prestígio das atividades de lazer pelos entrevistados de alto status legitimaram sua reivindicação à hegemonia cultural e à desigualdade social imposta.

Uma tentativa de avaliar empiricamente o papel do lazer como símbolo de status foi feita pelo autor deste artigo em meados da década de 1980 no Canadá urbano<sup>7</sup>. Mostrou que o prestígio social atribuído a diferentes atividades de lazer variava conforme os grupos socioprofissionais, mas a variação não era tão forte quanto na França. As diferenças sociais nos índices de prestígio das atividades de lazer pareciam representar variações

dentro de um consenso amplamente compartilhado, ao invés de diferentes hierarquias de prestígio. Diferentes grupos sociais pareciam compartilhar, se não um comum, de certamente uma perspectiva de prestígio e estilo de vida semelhante.

As conclusões baseadas em dados coletados em 1983-84 na área de Kitchener-Waterloo mostram uma semelhança considerável entre grupos sociais (ver Tabela 1). Ao contrário da opinião de que os trabalhadores podem desejar o dinheiro e o poder dos ricos, mas não seus estilos de vida (Gans, 1992), os grupos de status inferior parecem gostar das escolhas de estilo de vida da classe média-alta, tais como viajar ao exterior, visitar uma casa de campo, velejar ou tocar um instrumento musical, embora não necessariamente participar de ópera ou balé, o que, por sinal, também não foi considerado um dos grupos de classe alta.

No entanto, embora em nível de atitude, as diferenças na avaliação social das atividades de lazer pareciam diminuir as diferenças sociais na esfera do lazer e da cultura, especialmente nos dois pólos do espectro social. O fechamento e a exclusão das classes permaneceram, de acordo com a maioria dos resultados da pesquisa, comuns em muitos ambientes de lazer (ver Scott, 1982; Clark e Critcher, 1985; Reid, 1998; Leonhardt e Scott, 2005; Rose, 2016). As apresentações de ópera e destinos turísticos atraentes eram facilmente acessíveis na televisão, mas não na vida real. As análises das despesas domésticas canadenses mostram que os entrevistados no quintil de renda mais alta gastaram em 2010 quase 5 vezes mais dinheiro para recreação e lazer do que os entrevistados no quintil de renda mais baixa.

De acordo com Dumazedier (1967), as divisões sociais dentro do lazer e do consumo cultural permaneceram relativamente profundas, especialmente em ambos os pólos do espectro social. Ele escreveu sobre o subdesenvolvimento cultural ("atonia") de grandes segmentos da população francesa (pesquisa em Annecy). Preocupações sobre a presença contínua de desigualdades sociais e de classe nos usos e acesso ao lazer foram manifestadas por Scott (1982), Clark e Critcher (1985), e Reid (1998).

---

<sup>7</sup>A pesquisa KWARTS 1983-1984 foi apoiada por um subsídio do Departamento de Comunicações e dirigida por Jiri Zuzanek (investigador principal) e Roger Mannell.

**Tabela 1 - Classificações de prestígio de atividades de lazer selecionadas por educação e status ocupacional (1983-84). Kitchener-Waterloo levantamento da participação nas artes.**

	Amostra Total	Trabalhadores de Colarinho Azul	Gerentes, profissionais
Viajar para o exterior	3,87	3,96	3,97
Assistir a ópera	3,85	3,67	4,22
Visita a galeria de arte, museu	3,77	3,68	3,92
Trabalhar para o grupo comunitário	3,51	3,34	3,63
Voar/planar	3,43	3,48	3,97
Entretenimento em casa	3,26	3,15	3,24
Jantar fora em um restaurante	3,23	3,16	3,11
Visita a Biblioteca	3,22	3,10	3,24
Jogar tênis	3,16	3,15	3,41
Golfe	3,06	3,04	3,12
Boxe, levantamento de peso	2,48	2,74	2,41
Assistir a música country/ocidental	2,43	2,54	1,97
Boliche	2,29	2,52	1,91
Banho de sol	2,19	2,43	1,95
Assistir televisão	2,17	2,22	1,75
Assistir a um show de rock	2,07	2,41	1,91
Compra de oportunidade [ <i>Window shopping</i> ]	2,04	1,97	1,80
Sonhos de um dia [ <i>Day dreaming</i> ]	2,01	2,05	1,82
Bingo	1,77	1,90	1,38
Jogar pinball	1,38	1,40	1,26

Fonte: elaboração própria. Legenda: Significancia; 1-5.

Nos anos 60, vários pesquisadores chamaram a atenção para a "inversão" das desigualdades tradicionais em matéria de lazer. Fourastié (1960), Wilensky (1963) e Andrae (1970) argumentaram que, nas condições da economia do bem-estar e do desenvolvimento pós-industrial, a desigualdade social assumiu uma forma diferente daquela do passado. Para Harold Wilensky, não havia classe de lazer nas sociedades industriais modernas no sentido que Veblen escreveu - uma classe privilegiada demonstrando seu status através de diferentes formas de consumo conspícuo e lazer.

"Durante séculos, a maioria trabalhou arduamente para fornecer os meios necessários de existência, conforto e luxo para a minoria privilegiada. Agora a situação está a ser invertida. Uma pequena minoria será capaz, devido ao progresso tecnológico e científico (automação), de fornecer todos os meios de existência necessários para as massas. Haverá uma crescente procura e pressão sobre os indivíduos mais instruídos, eficientes, produtivos e funcionalmente indispensáveis, cujos talentos e competências são únicos e não podem ser delegados. Grupos com elevado status perderam a maior parte dos seus privilégios de lazer anteriores. Trabalham

longas horas...O lazer ao longo da vida parece ser fortemente ponderado para os estratos mais baixos" (1963: 111).

De acordo com Fourastié, nos anos 50, os ministros franceses trabalhavam 3 a 3,5 mil horas por ano, enquanto a carga de trabalho dos seus mensageiros de escritório atingia apenas 2,5 mil horas. Esta situação invertida típica do século XIX (1960: 173). William Grossin observou que em 1966, quando os relógios de ponto foram instalados nos ministérios franceses: "Contrariamente às nossas expectativas, verificou-se que os executivos do topo trabalhavam tanto tempo quanto os seus subordinados, muitas vezes mais tempo, e raramente menos" (1969: 53).

Pode-se argumentar que cargas horárias de trabalho mais longas não implicam necessariamente um aprofundamento das desigualdades sociais. Wilensky (1963: 113) admite que, "embora o lazer ao longo da vida diminua com o aumento de status, o quadro é de um lazer repleto, previsível para as elites, e intermitente, imprevisível para as massas". O lazer dos profissionais de topo traz vantagens substanciais em termos de estrutura e qualidade. Férias mais longas e sabáticas permitem uma utilização mais racional do lazer.

Linder, em *The Harried Leisure Class* (1970), sugeriu que o encurtamento de lazer é geralmente acompanhado pela sua utilização mais intensiva e dispendiosa. Quando temos muito tempo livre, estamos muitas vezes procrastinando, assistindo televisão, falando durante horas ao telefone. As atividades de lazer, que ocupam as maiores quantidades de tempo livre, são as mais baratas em termos de custo por unidade de tempo, enquanto as que ocupam pouco tempo são mais caras. O custo de uma hora/homem para assistir a um concerto sinfônico ou a uma apresentação de ópera no Canadá é excessivamente mais elevado do que o custo de uma hora/homem para assistir televisão. Especula-se o custo de uma "hora/homem" para andar de iate.

Lundberg, Komarovsky e McInerney (1934), analisando diferenças no comportamento de lazer de vários grupos sociais no início da década de 1930, fizeram uma observação importante, sugerindo que as variações nos hábitos de lazer dos diferentes grupos sociais não residem nas quantidades de lazer, mas nas "variações qualitativas e na escolha das atividades" (1960:195).

## 6. COMO A DIVISÃO DO TRABALHO AFETA O LAZER?

O interesse nos efeitos da divisão do trabalho sobre o bem-estar, como acontece com tantas outras questões, remonta aos tempos da antiguidade. Platão, na *República*, sugeriu que o bem-estar do estado reside no esforço comum de lavradores, construtores, tecelões, sapateiros e outros provedores de desejos corporais, que trazem os resultados do seu trabalho para o estoque comum.

O papel da divisão do trabalho como motor do progresso econômico e social estava na mente de personalidades de destaque do Iluminismo - David Hume, Denis Diderot, Immanuel Kant, e Adam Smith.

Para Diderot, a participação em rotinas de trabalho especializadas era uma condição prévia da eficiência do trabalho e do domínio do uso do tempo (ver Sennett, 1998). Kant, em seu *Groundwork for the Metaphysics of Morals* (1785), escreveu que todos os ofícios, artes, e trabalhos manuais ganham com a divisão do trabalho. Quando, em vez de um homem fazer tudo, cada um se limita a um certo tipo de trabalho, distinto dos outros, pode desempenhar a sua tarefa com maior facilidade e maior perfeição.

"Onde cada um é faz-tudo, aí os ofícios ainda permanecem na grande barbaridade" (2002:4).

A visão de Adam Smith sobre as causas do sucesso econômico e da riqueza incluía uma noção claramente articulada da divisão do trabalho. Um fabricante de alfinetes, trabalhando "com a máxima indústria", podia fazer apenas alguns alfinetes por dia, mas quando o seu trabalho era dividido entre o cortador de metal, o desenhador de alfinetes, o enrolador, o finalizador, e outros especializados nas suas habilidades, cada um deles acabava produzindo 4.800 alfinetes por dia. A divisão do trabalho resultou, segundo Smith, "na maior melhoria dos poderes produtivos do trabalho" (2007:8).

No entanto, nos escritos de Smith encontramos também os primeiros sinais de uma atitude crítica em relação às implicações sociais da divisão do trabalho. *A Riqueza das Nações*, que começa com um elogio à divisão do trabalho, contém a observação de Smith de que um homem, cuja vida inteira é passada realizando algumas operações simples, não tem ocasião de exercer a sua compreensão ou de exercitar a sua invenção. "Ele perde naturalmente o hábito de tal exercício e torna-se tão estúpido e ignorante quanto é possível para uma criatura humana tornar-se" (2007:603).

A crítica de Smith sobre as implicações sociais da divisão do trabalho é repetida por Jean-Baptiste Say e Auguste Comte. É um comentário triste, segundo Say, que na maioria das vezes não fazemos mais do que a décima oitava parte de um alfinete. Uma preocupação semelhante sobre os trabalhadores que por toda a sua vida fabricam facas ou cabeças de alfinete foi expressa por Comte (citado em Durkheim's *Division of Labor in Society*, 1964: 43 e 371).

Para Alexis de Tocqueville (1945: 168-169), a necessidade econômica, que é mais poderosa do que os modos e as leis, vincula o homem "a um ofício e frequentemente a um ponto, que ele não pode deixar; atribui-lhe um certo lugar na sociedade, para além do qual ele não pode ir; no meio do movimento universal, torna-o estacionário. Na proporção em que o princípio da divisão do trabalho é alargado, o trabalhador torna-se mais fraco, mais limitado, e mais dependente". Enquanto a sociedade pode ter ganho, os indivíduos perderam.

Uma posição semelhante em relação às implicações sociais da divisão do trabalho foi formulada por Marx. A divisão do trabalho aumentou

a produção da sociedade e os seus "poderes e prazeres", mas também reduziu a capacidade de cada pessoa de agir como indivíduo. Em suma, a divisão do trabalho é, para Marx, nada mais do que um "afastamento, e alienação da atividade humana" (2009/ 1844: 55).

Um esforço elaborado para revisitar o problema da divisão do trabalho e as suas implicações foi empreendido por Emile Durkheim em *The Division of Labor in Society* (1893). Ao contrário dos seus predecessores, Durkheim argumentou que a divisão do trabalho tinha efeitos sociais benéficos. Permitia às sociedades substituir a solidariedade mecânica, baseada na autoridade, pela solidariedade orgânica, baseada em interesses comuns e cooperação mútua. "Longe de ser pisoteado pelo progresso da especialização, a personalidade individual desenvolve-se com a divisão do trabalho" (1964:403).

O discurso sobre as implicações sociais da divisão do trabalho no século XX centrou-se nos efeitos da linha de montagem no trabalho sobre a vida pós-trabalho. Uma vez que o trabalho representa, para a maioria das pessoas, a atividade de vida mais importante, ele afeta decisivamente a qualidade do próprio conceito, estilo de vida e lazer. O lazer, escreveu Greenberg (1958: 38), "é no fundo uma função do trabalho, e muda à medida que a natureza do trabalho muda". Este conceito "transbordante" da relação entre trabalho e lazer tornou-se popular nos escritos dos críticos das sociedades industriais modernas (Marcuse, 1964; Ellul, 1964).

Uma posição diferente foi tomada por Georges Friedmann (1961). Segundo Friedmann, que examinou o comportamento cotidiano dos trabalhadores franceses de colarinho azul, o lazer compensa os trabalhadores pela sua insatisfação com o trabalho monótono. O trabalhador procura recuperar no seu lazer a iniciativa, a responsabilidade e o sentido de realização que lhe são negados no seu trabalho. O lazer, para Friedmann, parecia ser mais apropriado para humanizar a vida do que o trabalho tecnologicamente e economicamente forçado. Nos últimos dez anos, Friedman (1961: 105) escreveu,

"tem havido um 'crescimento fantástico' de passatempos, de artes e ofícios e de todo o tipo de atividades de tempo livre, tais como fotografia, poesia, eletrônicos, rádio, etc.", que ao contrário dos serviços 'pressione o botão'

das máquinas automáticas, proporcionaram alívio psicológico aos trabalhadores".

Mas embora a capacidade de compensação do lazer tenha sido um bem positivo, segundo Daniel Bell, foi alcançada com o elevado custo da "perda de satisfação no trabalho" (1960: 251).

A posição de Friedmann foi reformulada pelo seu seguidor, Joffre Dumazedier, que argumentou que o lazer pode servir não só como compensação pelo cansaço do trabalho industrial, mas pode constituir um desafio soberano ao domínio do trabalho sobre a vida cotidiana. No livro *Toward the Society of Leisure* Dumazedier (1967: 76) sugeriu: "Vimos que o lazer, apoiado por um prestígio crescente, proporciona modelos de comportamento e pode mesmo imprimir um estilo à vida cotidiana. O seu efeito é sentido no momento de escolher um emprego... Muitos jovens procuram as possibilidades de lazer nos empregos que estão escolhendo". Para Dumazedier, o lazer não era apenas tempo livre, mas uma nova orientação de valor social emergente.

Nas décadas de 1960 e 1970, a automatização e o progresso da revolução científica e tecnológica suscitaram esperanças de que a transformação radical do ambiente de trabalho afetasse profundamente o carácter do trabalho e da vida após o trabalho. Esperava-se que as condições de trabalho na linha de montagem dessem lugar a funções de supervisão e controle mais desafiantes que pudessem quebrar a monotonia do trabalho industrial padronizado (ver R. Richta, *Civilization at the Crossroads*, 1969).

De acordo com Marshall McLuhan (1964: 381), a automação, paradoxalmente, torna obrigatória a educação liberal. A era eléctrica dos servomecanismos [*servomechanisms*] subitamente liberta os homens da servidão mecânica e especializada da antiga era da máquina

"Tal como a máquina e o automóvel libertaram o cavalo e o projetam ao plano do entretenimento, o mesmo acontece com a automatização e os homens. Somos subitamente ameaçados por uma libertação que tributa os nossos recursos internos de auto-emprego e participação imaginativa na sociedade. Este parece ser um destino que chama os homens para o papel de artistas na sociedade".

A maioria das análises sociológicas foram, contudo, menos otimistas do que as de Friedmann,

Dumazedier ou McLuhan. Um dos estudos mais interessantes sobre a relação entre trabalho e lazer, abordando a questão se as atividades de lazer oferecem oportunidades de interação social e discrição, que faltam no trabalho, ou se transferem os padrões de trabalho para o lazer, foi realizado nos anos 60 na *British Columbia* (Canadá) por Martin Meissner. A sua conclusão, relatada no artigo *The Long Arm of the Job: a Study of Work and Leisure* (1971), foi que, na maioria dos casos, prevaleceu o padrão de transferência. Uma conclusão semelhante, baseada numa pesquisa realizada na Holanda, foi relatada por R. Wippler (1968).

## 7. RUMO A UMA SOCIEDADE DO LAZER OU A UMA CLASSE DE LAZER ACUADA?

Os inícios do interesse moderno no surgimento da "sociedade do lazer" podem ser traçados desde a década de 1930. John Maynard Keynes, no ensaio "*Economic Possibilities for our Grandchildren*" (1930), escreveu sobre as próximas tendências de utilização do tempo:

"Pela primeira vez desde a sua criação, o homem será confrontado com o seu real, o seu problema permanente - como usar a sua liberdade de pressionar os afazeres econômicos, como ocupar o lazer, que a ciência e o interesse composto terão ganho para ele, para viver sabiamente e agradavelmente e bem" (1963: 365).

Expectativas semelhantes podem ser encontradas na publicação de George Lundberg *Leisure: A Suburban Study* (1934: 4): "A quantidade de tempo livre tem aumentado constantemente e parece destinada a um aumento ainda mais rápido num futuro próximo".

O pico das esperanças no que diz respeito ao lazer e ao seu crescimento cai sobre as décadas de 1950 e 1960. Segundo Kenneth Galbraith (1967: 370), em meados da década de 1960, a noção de uma "nova era de lazer amplamente expandido" tornou-se um "tema de conversação convencional". Fourastié (1965) previu que em 1985 homens e mulheres franceses trabalhariam apenas um terço da sua vida, a duração da semana de trabalho não excederá 30 horas, e 12 semanas de férias serão garantidas. A edição francesa do influente livro de Dumazedier *Vers une civilisation*

*du loisir?* (1962) foi traduzido para inglês e publicado - sem o ponto de interrogação - como *Towards a Society of Leisure* (1967).

As expectativas otimistas do crescimento contínuo do lazer começaram a desaparecer nas décadas de 1970 e 1980. O ensaio polêmico de Linder, *The Harried Leisure Class*, (1970) questionava a crença de que as pessoas nas sociedades pós-industriais levariam cada vez mais vidas de lazer. O teor das discussões passou de "promessa de lazer" para "escassez de tempo".

Publicações acadêmicas e populares escreveram sobre estilos de vida apressados e a pressão do tempo (Rifkin, 1987; Burns, 1993). Schor em *The Overworked American: The Unexpected Decline of Leisure* (1991: 1) afirmava que, se as tendências atuais continuassem, os americanos poderiam passar no final do milênio "tanto tempo nos seus empregos como o faziam nos anos vinte".

Nem todos concordaram com estes cenários pessimistas. John Robinson (1989: 6) argumentou que, no final da década de 1980, os americanos gozavam de mais tempo livre "do que há 20 anos atrás". Gershuny duvidou que as tendências de escassez de tempo continuassem e sugeriu que talvez ainda houvesse alguma esperança para a "sociedade do lazer" (ver Gershuny e Fisher, 1999)<sup>8</sup>.

No artigo *What happened to the society of leisure? Of the gap between the 'haves' and 'have nots'* (2015), sugeri que a questão se as pessoas nas sociedades industriais avançadas perderam ou ganharam tempo livre pode ser a pergunta errada a fazer e deve ser substituída pela questão, *quais grupos populacionais ganharam ou perderam tempo livre?* Tentei mostrar que, se as tendências de utilização do tempo divergirem para diferentes grupos populacionais, o uso médio do tempo para toda a população pode obscurecer o alargamento das lacunas de utilização do tempo na "vida real".

A tabela 2 mostra que se as tendências de utilização do tempo dos entrevistados nas Pesquisas Sociais Gerais Canadenses fossem observadas em toda a população com idade igual ou superior a 15 anos, a carga total de trabalho combinando o remunerado e o doméstico atingiria em 1981 29% do tempo diário dos respondentes. Em 2010, o número

<sup>8</sup> Para uma análise detalhada das tendências do lazer e da controvérsia da "sociedade do lazer" ver A. J. Veal (2018) O que

aconteceu com a sociedade do lazer? [A. J. Veal's (2018) Whatever Happened to the Leisure Society?].

correspondente foi de 30%. A parte proporcional ao tempo livre não sofreu qualquer alteração durante o período observado; atingiu 25% do total diário, ou aproximadamente 6 horas, tanto em 1981 como em

2010. Porém, a situação muda se forem examinadas as tendências de utilização do tempo para os pais empregados com idades entre os 20 e os 64 anos, com no mínimo uma criança com 12 anos ou menos.

**Tabela 2 - Carga total de trabalho e tempo livre: 1981 a 2010 (Pesquisas Sociais Gerais Canadenses).**

Carga total de trabalho (pago e não pago)	1981	2010	Varição
	min. por dia	min. por dia	mín. por dia
Amostra total, idade 15+	410,9	426,1	+15,2
Pais empregados, 20-65, crianças <=12	518,1	628,4	+110,3
<b>Tempo Livre</b>			
Amostra total, idade 15+	363,7	362,0	-1,7
Pais empregados, 20-65, crianças <=12	296,2	239,8	-56,4

Fonte: GSS 1981 e 2010.

Para este grupo do ciclo de vida, a carga de trabalho combinada considerando o trabalho remunerado e o doméstico aumentou durante o período observado de 36% para 44% do total diário, enquanto o seu tempo livre diminuiu de 21% para 17%. Em termos de tempo real, a carga de trabalho combinada diária dos pais empregados era 110 minutos mais longa e o seu tempo livre 56 minutos mais curto em 2010 do que em 1981 (ver tabela 2)<sup>9</sup>. O suposto crescimento do lazer foi explicado pelas mudanças demográficas, nomeadamente a crescente proporção da população reformada e em idade escolar.

A polarização da utilização do tempo reflete também em outras descobertas. A proporção de respondentes que se sentiam em 1992 apressados todos os dias ou várias vezes por semana atingiu 63,6%. Em 2015, 64,1%. Curiosamente, não só a proporção de respondentes, que se sentiam apressados, permaneceu elevada ou aumentou ligeiramente, mas também a proporção de respondentes que relataram que "tinham mais tempo nas mãos do que sabiam o que fazer com ele". A porcentagem deste grupo cresceu durante o

período observado de 20,8% para 23,8% da população entrevistada (não nas tabelas).

A gravidade do desafio colocado pelo aumento da diferença de utilização do tempo entre os grupos populacionais "tempo-rico" e "tempo-pobre" é sublinhada pelas previsões demográficas, segundo as quais, a proporção da população com 65 anos ou mais aumentará no Canadá de 14% em 2010 para mais de 18% em 2020. A entrada tardia de adultos mais jovens na força de trabalho e o rápido envelhecimento da população reduzem o leque de recursos de mão-de-obra empregáveis. Nestas circunstâncias, o problema de sustentar o crescimento econômico e de assegurar uma utilização do tempo equilibrada nos diferentes grupos populacionais torna-se um dos mais sérios desafios enfrentados pelas sociedades modernas.

## 8. LAZER, TRABALHO E BEM-ESTAR SUBJETIVO

O lazer, em vez do trabalho, tem sido tradicionalmente associado a níveis mais elevados de bem-estar emocional. Para Aristóteles, Michel

<sup>9</sup> As tabelas 2 a 5 são baseadas em dados das Pesquisas Sociais Gerais Canadenses (GSS) e na pesquisa do tempo diário dos Estados Unidos de 1975. As tabelas 6 e 7 utilizam dados da Pesquisa por Amostra de Experiência (ESM) de 2003, conduzida por Zuzanek (investigador principal) e Mannell na Universidade de Waterloo, Canadá. O uso do tempo na GSS foi calculado como um resumo da duração (em minutos) dos episódios de atividade relatados em um ciclo diário, agrupados em categorias de atividade maiores. Aos respondentes também foi solicitado identificar a atividade mais apreciada realizada durante o dia da pesquisa e avaliar quão felizes (1-4) e satisfeitos com a vida (1-10) eles se sentiram. Informações sobre GSS podem ser encontradas em:

[https://www150.statcan.gc.ca/n1/pub/89f0115x/89f0115x201300\\_1-eng.htm](https://www150.statcan.gc.ca/n1/pub/89f0115x/89f0115x201300_1-eng.htm). A Pesquisa por Amostra de Experiência de 2003 de

estudantes adolescentes do ensino médio e seus pais foi apoiada por uma subvenção estratégica da SSHRC. Os entrevistados carregaram por um período de uma semana um pager que foi ativado aleatoriamente oito vezes por dia (entre 8h e 23h). No momento do bip, os entrevistados relataram o que estavam fazendo, onde e com quem estavam, bem como uma série de estados emocionais, tais como sentir-se felizes ou tristes, pressionados pelo tempo, aborrecidos, solitários, estar no controle da situação, etc. O uso do tempo nas pesquisas ESM foi calculado como em porcentagem dos auto-relatos alocados para várias atividades diárias durante a semana da pesquisa. Informações mais detalhadas sobre o ESM podem ser encontradas em Zuzanek, J. e Zuzanek, T. (2015) Of Happiness and of Despair, Is There a Measure? Time Use and Subjective Wellbeing, publicado no *Journal of Happiness Studies*, 16: 839-856.

Montaigne, Henry David Thoreau, para citar apenas alguns, o lazer foi uma fonte de felicidade pessoal.

Num estudo recente sobre as implicações do lazer no bem-estar, Newman, Tay e Diener (2014) resumiram evidências de pesquisas reportadas em 363 artigos. A maioria das conclusões dos artigos revistos apoiava a noção popular de que o lazer melhora o bem-estar subjetivo. Esta conclusão foi baseada em evidências sólidas, mas certos aspectos da relação entre o lazer e o bem-estar subjetivo podem ter sido negligenciados.

Georg Lundberg (1934: 2) foi dos primeiros a advertir que o crescente acesso ao lazer não seria, necessariamente, acompanhado por níveis crescentes de felicidade. "Claramente, algo mais do que um dia de trabalho curto e fácil, mesmo com segurança econômica, é necessário antes de termos qualquer garantia de que as vidas dos homens serão mais felizes e mais leves. Tudo depende do que fazemos com o lazer adicional e da nossa atitude em relação a estas atividades".

As conclusões relatadas nas Tabelas 3 a 7, baseadas em dados dos Pesquisas Sociais Gerais Canadenses (GSS) e Pesquisas de Amostragem de Experiência (ESM), realizados em Ontário, não cobrem a relação entre lazer e bem-estar subjetivo na sua totalidade, mas ilustram alguns de seus aspectos problemáticos, aos quais até agora têm sido dadas relativamente pouca atenção.

**Tabela 3 - Atividades cotidianas mais apreciadas realizadas pelos canadenses (em porcentagem).**

Itens	GSS 2005	
	%	Rank
Assistir esportes, artes pop, filmes	51,5	1
Brincar com crianças	45,6	2
Participação em eventos sociais	38,9	3
Jantar em restaurantes	20,8	4
Assistir TV	14,0	5
Compras de não-mercearia	10,5	6
Trabalho remunerado	8,4	7
Cuidados infantis	7,8	8
Compras de mercearia	4,2	9
Culinária	3,1	10
Deslocamento de/para o trabalho	2,1	11
Limpeza da casa	1,9	12

Fonte: GSS (2005).

A Tabela 3 lista as classificações de aproveitamento das atividades diárias realizadas

durante o tempo de rotina cotidiana e relatadas pelos entrevistados do GSS canadense de 2005 no final da entrevista. Estas classificações favorecem claramente as atividades de tempo livre. Quando solicitados a indicar a atividade mais apreciada, entre 40% e 50% dos entrevistados escolheram participar de eventos sociais ou de esportes e cultura popular, em comparação com apenas 8%, que mencionaram trabalho remunerado e menos de 2%, que listaram a manutenção da casa.

Os resultados relatados na Tabela 4 mostram, no entanto, um quadro um pouco diferente. A descoberta surpreendente é que antes de 2005, nos EUA e no Canadá, os sentimentos de satisfação com a vida estavam correlacionados com o tempo livre mais de forma *negativa* do que positiva. John Robinson (1977: 162) foi um dos primeiros autores, que chamou a atenção para o fato de que as pesquisas sobre o uso do tempo nos EUA estavam associadas "com menos e não mais tempo livre disponível". No Canadá, somente após 2005, as correlações entre a quantidade de tempo livre e a satisfação com a vida tornaram-se ligeiramente positivas.

As associações entre o tempo alocado ao trabalho remunerado e o bem-estar subjetivo revelam um padrão inverso. Nas primeiras pesquisas de uso do tempo, o trabalho remunerado estava associado a resultados emocionais positivos. Esta relação só se tornou negativa após 2005. É interessante que o trabalho doméstico, que é tradicionalmente avaliado como oneroso, foi acompanhado durante todo o período observado com resultados emocionais neutros.

**Table 4 – Trabalho remunerado, trabalho doméstico, tempo livre e bem-estar subjetivo.**

Frequência	Pesquisas de Uso do Tempo				
	EUA	Canadá (GSS)			
Tempo diário	1975	198	199	200	201
		6	8	5	0
Tempo livre	-,07	-,04	-,02	,03	,04
Trabalho remunerado	,05	,06	,02	-,05	-,05
Trabalho Doméstico	-,02	ns	Ns	ns	,02

Nota:  $\beta$  padronizado, controlado por gênero, idade, e educação dos respondentes.

Fonte: EUA, 1975 e Pesquisas Sociais Gerais Canadenses (GSS), 1986 a 2010.



As relações relativamente fracas e multidirecionais de bem-estar subjetivo com tempo livre, trabalho remunerado e doméstico temperam avaliações excessivamente otimistas dos efeitos emocionais do tempo livre. A pergunta que exige uma resposta é, como podemos explicar a diferença aparentemente paradoxal entre a alta taxa de aproveitamento das atividades de tempo livre e a associação relativamente fraca do tempo livre com o bem-estar subjetivo?

Parte da resposta está no fato de que o lazer é um "pacote misto" de atividades. Inclui a participação em eventos esportivos e artes populares, que foram classificados como a atividade mais desfrutada por 52% dos entrevistados, mas também contém assistir TV, que obteve a alta classificação de apenas 14% dos entrevistados. Não deve surpreender, portanto, que o "pacote misto" de lazer, contendo na rotina diária de 125 minutos de exibição na TV e apenas 14 minutos de espectador, não tenha gerado um resultado emocional mais positivo. Como comentado por Lundberg (1934: 195)

"Talvez nossa conclusão prática mais importante seja que a diferença de maior significado no lazer de vários grupos não está em suas quantidades totais... A diferença mais significativa está nas variações qualitativas entre as atividades que fomos obrigados a classificar sob os mesmos títulos" (itálico acrescentado).

O outro fator que precisa ser levado em consideração, ao avaliar os efeitos de bem-estar das atividades de lazer, é a dependência desta relação da extensão e da duração da participação no lazer. O envolvimento excessivo, mesmo em atividades agradáveis, pode ser seguido por um resultado emocional negativo (o "efeito de ressaca").

A análise dos dados do diário de tempo, coletados como parte da pesquisa de 2003 na escola dos adolescentes de Ontário, mostrou que ter acesso a menos de 6 horas ou mais de 10 horas de tempo livre aos domingos, estava associado a níveis mais baixos de bem-estar subjetivo (felicidade) e maior probabilidade de ter problemas emocionais do que ter acesso a 6 a 10 horas de tempo livre.

O nível de felicidade percebida aumentava segundo o volume crescente do tempo livre, mas declinou além de um ponto de saturação (não nas tabelas). Esta observação é apoiada pelos resultados da GSS 2005, relatados na Tabela 5, que mostram que os entrevistados empregados em dias de trabalho se

sentiam mais felizes quando tinham acesso de 3 a 6 horas de tempo livre do que quando tinham menos ou mais tempo livre.

**Tabela 5 – Relação entre acesso ao tempo livre em dias de semana e sentimento de felicidade. Dois fins contra o meio?**

Tempo livre em dias de semana (tempo diário)	Sentimento de Felicidade (1-4)
Menos de 3 horas	3,36
Entre 3 e 6 horas	3,41
Mais de 6 horas	3,35

Fonte: GSS (2005).

A diferença entre os efeitos instantâneos e cumulativos das atividades diárias também se reflete nos resultados do ESM. A Tabela 6 mostra que quando foi solicitado aos adultos entrevistados que avaliassem o impacto emocional das atividades de lazer no momento do sinal sonoro, suas avaliações foram positivas. Uma exposição frequente às atividades de lazer, por outro lado, não fez a pessoa mais feliz. A correlação entre a frequência da participação em atividades de lazer e a média semanal de afeto foi negativa ( $\beta = -,09$ ).

**Table 6 – Conotações de bem-estar de participação instantânea e acumulada em atividades diárias.**

Tipo	Afeto (episódio)	Afeto (total semanal)
<b>Pais</b>		
Tempo livre	,07	-,09
Trabalho remunerado	-,06	-,07
Trabalho Doméstico	,02	,24
<b>Adolescentes entre 12-18</b>		
Tempo livre	,07	-,03

**Notas:** <sup>1</sup>  $\beta$  padronizado, controlado para a população adulta por idade, gênero, e educação e para os adolescentes por gênero e idade. <sup>2</sup> Composto por sentimento de felicidade, bondade e alegria no momento que toca o bipe (Alpha=,84). <sup>3</sup> Afeto acumulado que acompanha todos os episódios de atividades relatados durante a semana da pesquisa. Todos os relacionamentos são estatisticamente significativos ( $p \leq ,005$ )

Source: ESM (2003).

Não é fácil estabelecer quando o "excesso" de uma coisa boa se torna contraproducente. Quando o prazer de assistir à TV atinge um ponto de saturação? As evidências da pesquisa nos dizem que este ponto é mais alto nos domingos do que nos dias de semana e entre os adolescentes do que entre os adultos. É lamentável que –com a possível exceção das análises de Gershuny (2013) sobre a utilidade marginal do uso

do tempo— a dependência das classificações de prazer das atividades de lazer sobre sua duração esteja ausente no debate sobre os efeitos do uso do tempo sobre o bem-estar.

O último ponto na avaliação dos méritos do bem-estar do lazer, trabalho e outras atividades diárias diz respeito ao conceito de bem-estar subjetivo. Examinando o conceito de bem-estar de uma perspectiva histórica, Hannah Arendt reavivou a noção de *eudaimonia* dos gregos. *Eudaimonia*, ela escreveu, foi o *daimon*, que acompanhou cada homem ao longo de sua vida. "Ao contrário da felicidade, que é um humor passageiro e ao contrário da boa fortuna, que se pode ter em certos períodos da vida e falta em outros, a *eudaimonia*, como a própria vida, é um estado de ser duradouro" (Arendt, 1958: 193). Da perspectiva atual, o bem-estar "eudaimônico" refere-se, essencialmente, a um equilíbrio de elementos emocionais, intelectuais e substantivos que tornam a vida interessante, agradável e significativa. Desta perspectiva mais ampla, a contribuição das diferentes atividades diárias para o bem-estar varia. A Tabela 7, baseada em dados do ESM 2003, tenta fazer justiça à complexa relação entre lazer, trabalho e bem-estar subjetivo.

**Table 7 – Relação entre trabalho remunerado, lazer e medidas de bem-estar instantâneas.**

Tipo	Trabalho episódio	Tempo livre episódio
Afeto <sup>2</sup>	-,06	,07
Ansiedade <sup>3</sup>	,13	-,12
Desejo de fazer algo mais	,19	-,22
Que tão bem você estava concentrado	,26	-,06
Sentiu-se aborrecido	-,02	,03
Sentiu-se solitário	-,05	,03
Sentiu-se passivo	-,15	,19
Sentiu-se pressionado pelo tempo	,26	-,27
Fluxo <sup>4</sup>	,28	-,16
Que tão importante era o que estava fazendo	,05	-,15
Você tinha o controle da situação	,03	-,04

**Notes:** <sup>1</sup>  $\beta$  padronizado controlado por gênero, idade e educação dos respondentes. <sup>2</sup> Composto por sentimento de felicidade, bondade e alegria; Alpha= ,84. <sup>3</sup> Composto pelos sentimentos de preocupado, chateado e tenso; Alpha= 0,84. <sup>4</sup> Fluxo é uma proporção equivalente a mudanças percebidas e habilidade no momento do episódio.

**Source:** ESM (2003).

As descobertas relatadas na tabela 7 mostram que a participação em atividades de lazer está associada a uma série de resultados emocionais positivos. O envolvimento em atividades de lazer estava associado a níveis mais altos de afeto, níveis mais baixos de ansiedade e menor desejo de se envolver em outras atividades que não a participação em atividades de trabalho. Ao se envolverem em atividades de lazer, os entrevistados se sentiram menos pressionados pelo tempo do que quando estavam no trabalho.

Algumas conotações BES do lazer não foram, no entanto, tão positivas. Os episódios de lazer eram mais frequentes do que os de trabalho associados aos sentimentos de tédio e solidão. Atividades de lazer correlacionadas com níveis mais baixos de fluxo (composto de habilidade e desafio). Os entrevistados se sentiam menos no controle da situação durante os episódios de lazer do que quando estavam no trabalho. O trabalho foi considerado pelos entrevistados como mais importante que o lazer e foi acompanhado por uma maior concentração. Em suma, embora emocionalmente mais satisfatórias, as experiências de lazer pareciam substantiva e intelectualmente menos desafiadoras do que as experiências de trabalho.

Que conclusões podem ser tiradas com base nas conclusões acima? Tentei responder esta pergunta no artigo *Of happiness and of despair is there a measure?* (2015). Parece que todos nós temos em nossas mentes uma ordem preferencial de atividades que desfrutamos e nas quais gostaríamos de participar. O envolvimento em atividades esportivas e a socialização com os amigos são alguns de nossos favoritos. A chave para a compreensão da relação entre uso do tempo e bem-estar subjetivo não é, no entanto, um crescimento exponencial das atividades mais apreciadas, mas um uso equilibrado do tempo. O envolvimento excessivo mesmo nas atividades mais favorecidas pode ter implicações emocionais negativas.

Podemos ter preferências definidas de atividades em nossa mente, mas a realidade da vida diária nos força a nos engajarmos em atividades menos agradáveis, que são uma parte indispensável das rotinas diárias normais. Mudanças dramáticas na avaliação do bem-estar, como resultado de uma rotatividade recorrente das atividades diárias, seriam psicologicamente desconfortáveis. Harmonizamos nossa vida diária controlando nossas preferências. A vida real não é uma busca onírica de passatempos

favoráveis, mas um desafio permanente e um compromisso entre o que queremos, o que podemos e o que fazemos. Como sugerido por Aristóteles (1996: 273): "Seria realmente estranho que as diversões sejam o nosso fim - que nos esforcemos e nos lancemos em trabalhos e discussões durante toda a nossa vida para nos divertir... Fazer das diversões o objeto de nossas sérias perseguições parece tolice e infantilidade em excesso".

## 9. USO DO TEMPO, SATISFAÇÃO DA VIDA E RIQUEZA

Uma questão que tradicionalmente gerava considerável pesquisa e interesse político é a relação

entre satisfação de vida, bem-estar subjetivo e renda dos entrevistados. Maior riqueza e maior renda pessoal estão associadas a maior satisfação com a vida e satisfação com os usos do tempo?

As análises dos dados canadenses sobre o uso do tempo fornecem uma resposta parcial a esta pergunta (ver Tabela 8). Os respondentes de maior renda entrevistados nas Pesquisas Sociais Gerais de 2005 e 2010 relataram estar mais satisfeitos com suas vidas do que os respondentes com menor renda familiar, mas esta relação não se estendeu à satisfação com o equilíbrio trabalho-família e foi pouco visível na satisfação com o uso do tempo.

**Tabela 8 - Bem-estar subjetivo por renda familiar: Canadá 2005 e 2010. Pesquisas Sociais Gerais (Empregados entrevistados entre 20 e 65 anos de idade).**

Renda familiar anual C\$ (em dólares canadenses)	GSS 2005			GSS 2010		
	<50,000	50-99,999	>100,000	<50,000	50-150,000	150,000+
Porcentagem da amostra	22	57	21	29	57	14
<b>Média</b>						
Satisfeito com a vida	7,46	7,71	7,91	7,13	7,56	7,87
Satisfeito com o trabalho	7,25	7,38	7,60			
Satisfeito com a saúde	7,65	7,84	7,89			
Satisfeito com as finanças	5,79	6,54	7,47			
Satisfeito com o uso do tempo	6,99	7,02	7,06			
<b>Porcentagem</b>						
Sentindo-se apressado	75,7	76,9	81,5	73,1	76,6	85,0
Sentindo-se estressado	26,9	24,9	32,5	22,4	24,9	28,6
Satisfeito com o balanço trabalho-família	76,4	75,6	72,4	74,1	74,1	73,7

**Fonte:** elaboração própria a partir dos dados de ESG (2005; 2010).

Os trabalhadores de alta renda se sentiram mais pressionados pelo tempo e mais estressados do que seus pares de faixas de renda mais baixas. Em 2005, 28% dos entrevistados na categoria de C\$ 100.000 + renda familiar estavam insatisfeitos com seu saldo trabalho-família, em comparação com 23% entre os entrevistados com uma renda familiar inferior a C\$ 50.000. Estas constatações corroboram uma observação feita por Veenhoven (1991) de que uma maior renda melhora a satisfação de vida até certo ponto, além do qual os efeitos de ganhos adicionais de renda diminuem e as classificações de bem-estar subjetivo, incluindo a satisfação com o uso do tempo e do lazer, achatam ou diminuem.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análises históricas mostram que as relações entre lazer, trabalho e bem-estar geraram, por vezes e

de novo, avaliações contraditórias. O lazer tem sido interpretado como uma fonte de identidade humana, bem como de instabilidade social. Tem-lhe sido atribuído o papel de estímulo à mudança social e à igualdade social, bem como de catalisador do domínio político e do aprofundamento da divisão social. O lazer tem sido aclamado como uma raiz de felicidade, mas também acusado de escapismo. Como comentado por Hunnicutt (2006: 56), "Ao longo do tempo, o trabalho e o lazer foram valorizados de diferentes formas, e essa valorização contrastou muitas vezes um como mais valioso e o outro como menos valioso". A questão de saber se o lazer é uma "bênção" ou uma "maldição" assombrou os jornalistas do século XX, tal como assombrou os filósofos da antiguidade (ver Zuzanek, 2007).

Nas fases iniciais da civilização grega ou no início da nova era industrial, grandes esperanças foram depositadas no trabalho e no esforço humano. Com o envelhecimento das civilizações e o aumento do nível

de vida, o crescente acesso ao tempo livre gerou respostas diferentes. Alguns autores esperavam que o lazer melhorasse as condições humanas, outros temiam que o conforto social e a vida de lazer enfraquecessem as sociedades de manutenção da servidão moral e diminuíssem a sua resistência política. Ambas estas visões procuraram e encontraram apoio em provas históricas.

O mesmo padrão que foi observado na participação individual do lazer, um declínio do bem-estar subjetivo para além de um ponto de saturação, parece aplicar-se às sociedades em geral. Como observado por Orrin Klapp (1975: 252) na sua análise da abertura e fechamento dos sistemas sociais, se a "abertura ultrapassa a tolerância", períodos de abertura social são seguidos por períodos de fechamento social. Hoje em dia, podemos ser capazes de acomodar e desfrutar de maiores quantidades de lazer do que os nossos predecessores, mas isto não põe de lado a questão da potencial perda de controle sobre o nosso tempo livre e o enfraquecimento dos laços sociais que mantêm a sociedade unida. Será que a crítica de Pitirim Sorokin ao caos emocional da cultura sensacionalista exprime um medo injustificado de um tradicionalismo ou será isto uma previsão precisa de uma crise social cada vez mais profunda? Não há uma resposta fácil para esta pergunta.

Na seção introdutória deste artigo, prometi abster-me do papel de árbitro na discussão em curso sobre os méritos comparativos do lazer e do trabalho. Não é minha intenção, contudo, terminar este artigo com uma conclusão sofisticada de que tanto as avaliações positivas como negativas do papel desempenhado pelo lazer ou pelo trabalho estão corretas. As avaliações conflituosas do seu papel refletem a natureza multifacetada destes fenômenos e as diferentes circunstâncias em que tais avaliações foram formuladas. Paradoxalmente - em diferentes situações - posições contraditórias podem assumir validade contextual, apesar da sua aparente irreconciliabilidade. Como sugerido por William James (1904), na vida real e em situações concretas, a verdade é específica em vez de abstrata e normalmente apenas uma alternativa é correta. É o passado que muitas vezes nos pode dizer o que esperar do futuro e como reagir ao desafio.

Tem-se dito que a História cede os seus segredos apenas àqueles que começam com o presente. No entanto, foi também escrito que "aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo" (Santayana, 1905: 284). Este artigo foi guiado por um interesse no presente e recorreu ao passado numa

busca de pistas para a compreensão da nossa situação atual.

Enquanto nas fases iniciais da investigação do lazer, o fenômeno do lazer suscitava uma genuína curiosidade intelectual e excitação acerca da sua potencial contribuição para o desenvolvimento humano, grande parte da investigação do lazer de hoje, infelizmente, carece de relevância conceptual e está estreitamente centrada na situação atual e não na análise da mudança social.

Bennett Berger escreveu no início da década de 1960 que faltava relevância teórica na maior parte dos trabalhos contemporâneos na sociologia do lazer. "A sociologia do lazer hoje em dia pouco mais é do que um relato de dados de pesquisas sobre o que uma parcela selecionada de indivíduos faz com o tempo em que não estão trabalhando e a correlação destes dados com variáveis demográficas convencionais" (1963: 28). Esta observação permanece válida hoje em dia. O exame das diferenças de gênero no acesso ao tempo livre é uma questão importante, mas faz parte da sociologia do gênero. Uma análise de como as mudanças no acesso ao lazer e a sua composição contribuíram para o alargamento ou estreitamento da discrepância de gênero volta a atenção para o fenômeno do lazer. Uma diferença sutil conceitua o lazer fazendo dele o foco de investigação.

Uma das deficiências da pesquisa sobre o lazer hoje em dia é o seu enviesamento bastante "territorial" e egoísta. Repouso, passatempos, entretenimento, distrações, diversão, bem como atividades de lazer criativas, autotélicas e ricas em desenvolvimento, têm implicações emocionais e sociais conflituosas. O lazer é, contudo, frequentemente apresentado em estudos de pesquisa como um bem indivisível. Como um comportamento livre e intrinsecamente motivado, é contrastado com o constrangimento comportamental e o trabalho de motivação extrínseca. No entanto, tal como proposto no início deste artigo, a linha divisória do bem-estar subjetivo e social não se situa entre o lazer e o trabalho, mas sim dentro deles. O lazer não é um remédio, mas um desafio que requer uma abordagem analítica ponderada.

Outro grande problema que os estudos sobre o lazer enfrentam atualmente é o fato de a sociologia do lazer ter cedido a sua posição à psicologia. Rolf Meyersohn (1972: 227) alertou para esta situação, quando escreveu que se o tema dos estudos do lazer deveria-se modificar quanto o processo e significado, a unidade de análise deveria passar do indivíduo "para as várias comunidades, que proporcionam um contexto relevante para as atividades de lazer". A análise de

posições conflituosas dentro do discurso de *ideias-unidade* neste artigo nos incentiva a desviar a atenção do indivíduo e dos seus traços de personalidade para a sociedade, a mudança social, as comunidades sociais, e as políticas sociais. Parafraseando Aristóteles, este artigo pode ser concluído por uma sugestão de que não só o homem é um animal político (*zoon politicon*), mas também um animal de lazer (*zoon ludens*).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, N. (1961) *Work and Leisure*, New York, Free Press of Glencoe.
- Andrae, C.A. (1970). *Okonomik der Freizeit*. Hamburg: Rowohlt.
- Apostol, T.M. (1969) *Calculus*, Vol. II. John Wiley & Sons.
- Aquinas, T. (2006/1265-1274) *Summa Theologica*. Project Gutenberg. Part II-II.
- Arendt, H. (1958) *The Human Condition*. The University of Chicago Press.
- Aristotle, (1996) *Nicomachean Ethics*, (translated by Rackham), Wordsworth Classic.
- Aristotle, (2009) *The Politics and The Constitution of Athens*. Ed. by S. Everson, Cambridge University Press.
- Bell, D. (1960) *The End of Ideology*, Glencoe, Illinois, Free Press.
- Bell, Daniel (1973) *The Coming of Post-Industrial Society*. New York: Basic Books, Inc.
- Berger, B. (1963) *The Sociology of Leisure: Some Suggestions*. In E.O. Smigel (ed.) *Work and Leisure: A Contemporary Social Problem*, New Haven, CT, College and University Press
- Bourdieu, P. (1984) *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*, London, Routledge & Kegan
- Bücher, K. (1893) *Die Entföhung der Volkswirtschaft*. Tübingen.
- Bücher, K. (1899) *Arbeit und Rhythmus*. Leipzig, B. G. Teubner Verlag.
- Burns, L. (1993) *Busy bodies: Why our time-obsessed society keeps us running in place*. New York: W.W. Norton & Co.
- Carlyle, T. (1843) *Past and Present*. Boston: Little, Brown.
- Christensen, P. (2012) Athletics and Social Order in Sparta in the Classical Period, *Classical Antiquity*, Vol. 31, No. 2, pp. 193-255
- Clark, J. and Critcher, C. (1985) *The Devil Makes Work*, Basingstoke, Macmillan
- Comte, A. (2007/1830) *Cours de philosophie positive*, IV, p. 430
- D'Angour, A. (2013) Plato and Play Taking Education Seriously in Ancient Greece, *American Journal of Play*, volume 5, number 3
- Dahrendorf, R. (1959) *Social Classes and Class Conflict in Industrial Society*. Stanford: Stanford University Press.
- De Grazia, S. (1962) *Of Time, Work and Leisure*. Garden City, NY Anchor Books.
- Dumazedier, J. (1967) *Toward the Society of Leisure*. New York: The Free Press. (Annecy).
- Durkheim, E. (1964/1893) *The Division of Labor in Society*, New York: Free Press of Glencoe.
- Durkheim, E. (2012/1912) *The Elementary Forms of Religious Life*. The Project Gutenberg.
- Elias, N. and E. Dunning (1993) *Quest for Excitement. Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Massachusetts: Blackwell.
- Ellul, J. (1964) *The Technological Society*. New York: Vintage Books.
- Engels, F. (2010/1883) *Dialectics of Nature*. In: Marx & Engels, Collected Works, Vol. 25, Lawrence & Wishart Electric Book
- Fourastié, J. (1960) *The Causes of Wealth*. Glencoe, Ill.: The Free Press.
- Fourastié, J. (1965). *Les 40,000 heures. Inventaire de l'avenir*. Paris: Laffont-Gonthier.
- Friedman, G. (1961). *The Anatomy of Work, Labour, Leisure, and the Implications of Automation*, Glencoe, Illinois: Free Press.
- Galbraith, J. K. (1967) *The New Industrial State*. Boston, Houghton Mifflin.
- Gershuny, J. (2012) National Utility: Measuring the Enjoyment of Activities *European Sociological Review* Vol. 29 No 5, 996-1009.
- Gershuny, J. and Fisher, K. (1999) *ISER working paper No 99-03*. Colchester, Essex: Institute for Social and Economic Research.
- Greenberg, C. (1958) *Work and Leisure Under Industrialism*, in Larabee, E. and R. Meyersohn, Mass Leisure, Glencoe, Illinois: Free Press.
- Groos, K. (1896) *Die Spiele der Tiere*. Jena (quoted in Plekhanov).
- Grossin, W. (1969) *Le Travail et le Temps*. Horaires-durees-rhythmes. Editions Anthropos.
- Hesiod (1988) *Theogony and Works and Days*. Oxford: Oxford University Press.
- Huizinga, J. (1955/1938) *Homo Ludens: A Study of the Play-Element in Culture*. Boston: Beacon Press.
- Hunnicut, B.K. (2006) *The History of Western Leisure*. In: A Handbook of Leisure Studies. Ed. by C. Rojek, S.M. Shaw and A.J. Veal, Palgrave Macmillan.
- Iso-Ahola, S. (1980) *The Social Psychology of Leisure and Recreation*. William C Brown.
- James, W. (1904) *What is Pragmatism*. In: Writings 1902-1910, Library of America
- Kant, I. (2018/1785) *Groundwork of the Metaphysics of Morals*. New Haven: Yale University Press.
- Kelvin, P. (1981) *Work and leisure: The implications of technological change*. Manuscript from SIRLS.
- Keynes, J. M. (1930) *Economic Possibilities for our Grandchildren*. In *Essays in Persuasion*, New York: Norton & Co.
- Klapp, O. E. (1978) *Opening and Closing: Strategies of Information Adaptation in Society*. Cambridge, UK: Cambridge University Press

- Kraus, R. (1971) *Recreation and Leisure in Modern Society*. Appleton Century-Crofts.
- Lafargue, P. (2011/1883) *The Right to be Lazy: Essays by Paul Lafargue*. Chicago: Charles H. Kerr
- Linder, S. (1970) *The Harried Leisure Class*. New York: Columbia University Press.
- Lundberg, G. A., M. Komarovsky and M.A. McInerney (1960/1934) *Leisure: A Suburban Study*. New York: Columbia University Press.
- Lüschen, G. (1963) Soziale Schichtung und Soziale Mobilität bei Jungen Sportlern. In *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie* 15.
- Malinowski, B. (1922) *Argonauts of the Western Pacific: An account of native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Marcuse, H. (1964) *One Dimensional Man*. Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society. Boston: Beacon Press.
- Marx, K. (2010/1883) *Capital*. A Critique of Political Economy, Vol. III  
[www.marxists.org/archive/marx/works](http://www.marxists.org/archive/marx/works)
- Marx, K. (1953/1857) *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, Berlin
- Marx, K. (2009/1844) *Economic and Philosophical Manuscripts of 1844*.  
[www.marxists.org/archive/marx/works/1844/manuscripts/preface.htm](http://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/manuscripts/preface.htm)
- Marx, K. (2015/ 1883) *Capital*.  
[www.marxists.org/archive/marx/works/1867-c1/p5.htm](http://www.marxists.org/archive/marx/works/1867-c1/p5.htm)
- McCormack, T. (1971) Politics and leisure, *International Journal of Comparative Sociology*, XII pp. 169-181
- McLuhan, M. (1964) *Understanding Media*, London: Routledge and Kegan Paul Limited.
- Meissner, M. (1971) *The Long Arm of the Job: A Study of Work and Leisure*. *Industrial Relations* 10, 239-60
- Meyersohn, R. (1972) Leisure. In: *The Human Meaning of Social Change*, Ed. by A. Campbell and P.E. Converse, New York, Russell Sage Foundation.
- More, T. (2005/1516) *Utopia*. The Project Gutenberg.
- Murphy, J. F. (1974) *Concepts of leisure: philosophical implications*. Prentice Hall
- Neulinger, J. (1974) *The Psychology of Leisure*. Charles C. Thomas, Springfield.
- Newman, D.B., Tay, L., and Diener, E. (2014) *Leisure Engagement and Subjective Well-Being: A Meta-Analysis*, *Psychological Bulletin* 141(2).
- Nietzsche, F. (2008/1882) *The Gay Science*. Cambridge Texts in the History of Philosophy. Cambridge University Press.
- Nisbet, R. (1966) *The Sociological Tradition*. New York: Basic Books.
- Ortega y Gasset, J. ([1929] 1930). *The Revolt of the Masses*. New York: Norton.
- Orwell, G. (1968/1945) *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell 1903-1950*. Vol. IV, London: Secker & Warburg
- Parker, S. (1971) *The Future of Work and Leisure*, London: Praeger.
- Pericles' funeral oration. [incomplete]  
[www.greatbooksojai.com/Pericles\\_Funeral\\_Oration\\_Crawley.pdf](http://www.greatbooksojai.com/Pericles_Funeral_Oration_Crawley.pdf)
- Pieper, J. (1963/1952) *Leisure. The Basis of Culture*. New York: Random House.
- Plato (2008a) Republic. The Project Gutenberg Ebook.
- Plato (2008) Laws. The Gutenberg Project Ebook.
- Plekhanov, G. (1958/1899) *Unaddressed Letters*. In: *Literatura i Estetika*. Moscow; Khudozhestvennaja Literatura  
[www.marxists.org/archive/plekhanov/1912/art/index.htm](http://www.marxists.org/archive/plekhanov/1912/art/index.htm)
- Plutarch's Lives (1914)* New York: The Macmillan Co.
- Radcliffe-Brown, A. R. (1922) *The Andaman Islanders: A Study in Social Anthropology*. Cambridge University Press.
- Rademakers, L. (2003) *Filosofie van de vrije tijd*. The Netherlands: Damon Publishers.
- Reid, I. (1998) *Class in Britain*, Cambridge, Polity Press
- Richta, R. et al. (1969) *Civilization at the Crossroads*, Prague: International Arts and Sciences Press Inc.
- Riesman, D. (1950). *The Lonely Crowd*, New York: Doubleday Anchor Books.
- Rifkin, J. (1987) *The time wars*. New York: Henry Holt & Co.
- Roberts, K. (1970). *Leisure*, London: Longman.
- Robinson, J. (1989) Time's up. *American Demographics*, 11(7), 6-7.
- Robinson, J. P. (1977) *How Americans Use Time: A Socio-Psychological Analysis of Everyday Behaviour*. New York: Praeger.
- Samaras, T. (2012) Leisured Aristocrats or Warrior-Farmers? Leisure in Plato's Laws, *Classical Philology*, Vol. 107, No. 1, pp. 1-20
- Say, J.-B. (1803) *Traite d'economie politique*, Book I, ch. viii (quoted in Durkheim's DLS)
- Scheuch, E. K. (1965). *Die Problematik der Freizeit in der Massengesellschaft*. in: *Universitatstage*.
- Schor, J. (1991) *The Overworked American: The Unexpected Decline of Leisure*. New York: Basic Books.
- Scott, J. (1982) *The Upper Classes: Property and Privilege in Britain*, Basingstoke, Macmillan.
- Sennett, R. (1998) *The Corrosion of Character: the personal consequences of work in the new capitalism*, New York: Norton.
- Smith, A. (2007/1776) *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. Amsterdam: MetaLibri.
- Sorokin, P. (1937-1941) *The Social and Cultural Dynamics*. Cincinnati: American Book Company.
- Thucydides (1996/423 BC) *Pericles' Funeral Oration*. University of Minnesota. Human Rights Library.
- Tocqueville, A. (1954/1835-1840) *Democracy in America*, *Democracy in America*, Vol. 1, New York: Schocken Books; Vol. 2 (1945/1840) New York: Vintage Books

- University Press.
- Veal, A.J. (2018) *Whatever Happened to the Leisure Society?* Hardback Routledge, Critical Leisure Studies.
- Veblen, T. (1953/1899) *Theory of the Leisure Class*. New York: Mentor Books.
- Veblen, T. (1953/1899) *Theory of the Leisure Class*. New York: Mentor Books.
- Weber, M. (1958/1904-1905), *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. New York: Charles Scribner's Sons
- Wilensky, H. (1963) The uneven distribution of leisure: The impact of economic growth on free time. In *Work and Leisure*. Ed. by E. O. Smigel. New Haven, Connecticut: College and University Press: 107—145.
- Wilensky, H.L. (1981). *Family Life Cycle, Work and the Quality of Life*: Reflections on the roots of happiness, despair, and indifference in modern society, No. 442.
- Wippler, R. (1968) *Social Determinants of Leisure Behavior*. Assen: Van Gorcum & Comp.
- Wippler, R. (1970) Leisure Behaviour: A Multivariate Approach. *Sociologia Neerlandica* 6, pp. 51-67
- Wundt, W. (2006/1886) *Ethics: The Facts of Moral Life*. Cosimo Classics.
- Xenophon (1994) *Memorabilia*. Ithaca: Cornell University Press.
- Xenophon (2014) *Apology of Socrates to the Jury*. eBooks@Adelaide.
- Zuzanek, J. (2007) Beginnings of Leisure Research in North America: A Forgotten Legacy? In: R. McCarville and K. MacKay (Eds.) *Leisure for Canadians*, State College, PA: Venture Publications, pp.17-26
- Zuzanek, J. and Zuzanek, T. (2015) Of Happiness and of Despair, Is There a Measure? Time Use and Subjective Wellbeing, *Journal of Happiness Studies* 16: 839-856.
- Zuzanek, J. *What happened to the society of leisure? Of the gap between the "haves" and "have nots" Social Indicators* DOI 10.1007/s11205-015-1133-0.

#### AGRADECIMENTOS

O autor gostaria de agradecer a A. J. Veal e dois revisores anônimos por seus comentários e sugestões.

---

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial  
Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).  
Recebido / Received / Recibido: 11.06.2020; Revisado / Revised / Revisado: 07.12.2020; Aprovado / Approved / Aprobado: 17.12. 2020; Publicado / Published / Publicado (online): 24.12.2020.  
Tradução do original do autor / Translation of author's original paper / Texto traducido de la versión original del autor.